

# Brutal exploração de crianças em S. Paulo

Nas fazendas do Vale do Ribeira, meninas ferem as mãos durante a colheita de chá. Na indústria de vidro, adolescentes contaminam seus pulmões e aos 30 anos estarão com silicose. Nas serrarias em Iguape há um alto número de menores com membros mutilados. Mesmo agora, perto do dia da criança, o patrão não pergunta idade para explorar o trabalhador. Pág.10



Foto: Carlo Iadelluca - SRT/SCT

Nas fazendas de chá do Ribeira, crianças carregam sacos de até 30 Kg; algumas trabalham desde os quatro anos

## Voto nas fábricas reforça candidatos da classe operária

Neleu Alves (foto) e Joel Batista percorrem as indústrias da Lapa (SP) buscando o voto classista. Pág.3



### EDITORIAL

## Pesquisas duvidosas

As pesquisas eleitorais se tornaram um dos principais instrumentos de propaganda política. Desde a escolha dos candidatos, as pesquisas já indicavam quais seriam os melhores. Além das empresas especializadas, os jornais, as rádios e as TVs criaram os seus próprios serviços. E a cada dia aparecem as notícias mais espetaculares: Fulano cai, Cicrano sobe, Beltrano está fora do páreo.

A própria disparidade dos resultados anunciados mostra a pouca margem de confiança que tal atividade merece. E todos recordam a campanha eleitoral para prefeito em 1985, quando os institutos de pesquisa fracassaram redondamente em centros políticos importantes como São Paulo, Fortaleza, Recife etc.

Não que seja impossível usar critérios científicos para aferir a tendência do voto. Mas acontece que a corrupção é muito grande e, no caso, corre muito dinheiro e os interesses em jogo são enormes. Arranjar dois pontos a mais para um candidato, diminuir três pontos de outro, são coisas relativamente fáceis. Ainda mais quando, paralelamente, se diz que o número de indecisos é elevado. No fim basta dar a desculpa de que estes indecisos optaram na última hora por tal ou qual nome.

Até o SNI passou a figurar como um dos que dão palpite. Apesar de ser um órgão conhecido por tratar tudo no mais rigoroso sigilo, suas avaliações são freqüentemente divulgadas na imprensa, deixando evidente que tais revelações têm o caráter de acintosa intromissão na campanha. E a responsabilidade por qualquer erro inexistente pois a notícia é "plantada" não oficialmente. Para dar mais seriedade a esta interferência, a informação é apresentada como se fosse tirada de relatório apresentado ao próprio presidente da República.

O fato é que nenhum candidato ou militante político pode desanimar ou sentir-se vitorioso simplesmente com base nas pesquisas. A utilização deste instrumento vem sendo flagrantemente distorcida e seus resultados são alterados pelo poder econômico. A eleição se decide nas ruas, no contato direto com o povo e a partir de propostas concretas para os problemas do país. Existem milhares de pessoas indecisas nesta altura da campanha. E mesmo os que já têm alguma preferência podem mudar suas opiniões diante de argumentos fortes.

O próprio ativista em campanha tem capacidade de aferir a receptividade de seus candidatos. O contato nas fábricas e nos bairros serve para saber em grande parte a opinião que vai se formando. Mas além disto é imprescindível um trabalho de propaganda amplo nas praças públicas, nos locais de grande movimentação, que divulgue os nomes dos candidatos e suas propostas para que se tornem conhecidos. Esta campanha vigorosa, ampla, não dirigida especificamente para um público determinado, ajuda em muito a formar a opinião pública. Por isto os comícios, as caminhadas, nos bairros e no centro da cidade, têm enorme importância.

Não se pode, por outro lado, desprezar inteiramente as pesquisas. Se tomadas com cautela, comparados os diversos resultados, podem servir para indicar no geral as tendências que vão se configurando. Para isto muitas vezes é preciso descer mais aos detalhes e não ficar nos resultados globais que são apresentados. A utilização da TV em particular, por abranger um público de milhões de uma só vez, pode levar a rápidas mudanças no eleitorado. O importante é ter bem claro que ao invés de se contemplar passivamente as pesquisas, a melhor atitude é arregaçar as mangas e partir para o combate neste curto período até 15 de novembro.

## Os furos no congelamento são culpa do consumidor?

Gente do governo tenta jogar sobre o povo a culpa pelo "desabastecimento". Pág.3

## MALUF AGORA DIZ QUE DEFENDE OS TRABALHADORES. VOCÊ ACREDITA?

PDS tenta usar intoxicação na Nitroquímica. Página 3



Grevistas de São Lourenço: o movimento foi declarado legal

## Canavieiros fazem greve por salário de Cz\$ 1.200

A sede de lucros dos usineiros é tamanha que eles só querem pagar Cz\$ 948 por mês aos cortadores de cana. Pág.7

## Esta eleição é a que mais tem mulheres candidatas

Na proporção com os homens elas ainda são poucas - menos de 10% em São Paulo. Mas mostram muita garra na luta por seus direitos. Pág.3

## Lei do aluguel adia a tragédia mas não ataca as suas causas

Com os despejos suspensos até março, quem é inquilino ganhou alguns meses de alívio. Mas quem procura casa para alugar só acha por uma fortuna. Pág.6

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois



Soldados franceses reprimem o movimento antiimperialista na Nova Caledônia; a metrópole usa das armas para manter seus domínios

## França joga bruto: manda tropa ocupar ex-colônia

Tudo continua como dantes no Togo - pequena república africana com território e população equivalentes à Paraíba. O general Gnassingbé Eyadéma, que tiraniza o país há 19 anos, escapou dia 24 de uma tentativa de golpe de Estado - com a ajuda de 200 paraquedistas franceses. Mais uma vez a França faz um jogo bruto e sujo em uma de suas antigas colônias.

Como de costume na África - onde se encontra hoje a maior concentração de ditaduras militares do planeta - os motivos do golpe permanecem obscuros. Eyadéma já sobreviveu a tentativas de golpes anteriores, como em 1970 e 1977. O que chamou atenção da opinião pública internacional no episódio foi a intervenção dos paraquedistas da França, país tido como civilizado e presidido por François Mitterrand, que se diz socialista.

Pior ainda: as tropas enviadas são do 11º Batalhão do Choque de Paraquedistas - o "11º de Choque", que acumulou uma negra tradição nas guerras coloniais da Indochina e da Argélia, organizando operações "delicadas", como o assassinato de adversários incômodos. Após o fracasso do *putsch* da direita do Exército francês contra De Gaulle, em 1961, esta unidade havia sido desativada, porém foi recriada há cerca de um ano.

### OUTRAS INTERVENÇÕES

É certo que atualmente nem tudo que a França faz pode ser debitado a Mitterrand, já que o presidente coexiste hoje com um primeiro-ministro escolhido pela direita. Porém mesmo quando o PS estava sozinho no governo, ou antes, quando repartia os ministérios com o PCF de George Marchais, seguia essa mesma linha, de um imperialismo nada sutil.

Em 1983 o Exército francês enviou tropas para o Chade, também na África, dividido ao meio por uma guerra civil. Até hoje eles lá estão. Já em

1985 a crise foi numa colônia de tipo antigo, a Nova Caledônia, no Oceano Pacífico: diante do sentimento nativista e da luta de libertação que cresciam, a França acionou suas tropas e ainda decidiu reforçar uma base militar que possui na ilha, em Nouméa.

O imperialismo francês - não há forma mais apropriada para designá-lo - possui ainda unidades de infantaria e aviões no Senegal, República Centro-Africana, Costa do Marfim e Gabão. No próprio Togo, 75 conselheiros militares franceses já atuavam desde antes do envio de tropas ocorrido no dia 25. E segundo um porta-voz do Ministério da Defesa em Paris, "se necessário eles chamarão por reforços".

### ACÇÃO NEOCOLONIALISTA

É com ações desse gênero que a metrópole francesa mantém dentro de sua área de domínio grande parte do imenso império colonial que possuía no passado e que não desapareceu de todo (veja ao lado). Quando o antigo colonialismo começou a desmoronar, Paris tratou de se adaptar aos novos tempos. Colocou gente de sua confiança no aparelho estatal recém-formado das ex-colônias, especialmente em suas forças armadas. Continuou a adestrar seus altos funcionários e oficiais, a influir sobre sua vida política e cultural. Não vacila em apoiar e proteger os piores déspotas nos países sob sua órbita. O exemplo mais típico - o caricato "imperador" Bokassa, que costumava fazer caçadas com o presidente francês e praticava o canibalismo - caiu em 1979. Mas sobraram vários outros, como o rei Hassan II, do Marrocos, o sanguinário presidente Bourguiba, da Tunísia, ou o próprio Edeiaéma.

A base deste império neocolonial são os apetites do capital monopolista francês. No caso do Togo, por exemplo, são ricas jazidas de potássio que interessam. O domínio dos mercados locais é

outro grande negócio, embora os povos desses países sejam pobres ao extremo, tanto quanto os mais atrasados Estados brasileiros. A França dedica-se ainda a um rendoso comércio de armas com suas ex-colônias, sendo o terceiro maior exportador

mundial de material de guerra, depois dos EUA e da URSS. Multinacionais francesas como a Thomson, a Renault e a CGE dedicam-se cada vez mais a esse tráfico da morte, inclusive servindo-se de conflitos como o do Chade para testar seus "produtos"

## Passado e presente do imperialismo francês

Atualmente a França dedica-se sobretudo ao neocolonialismo, nas ex-colônias onde continua a deter as alavancas econômicas (e, frequentemente, também as políticas e militares). A lista é extensa: Marrocos, Tunísia, Mauritânia, Argélia, Mali, Níger, Chade, Alto Volta, Senegal, Guiné, Costa do Marfim, Togo, Benin, República Centro-Africana, Camarões, Gabão, Congo Brazaville, Madagascar - formam a esfera de influência francesa, conhecida como a "área do franco". Porém a França continua a ser também a maior potência colonial de tipo antigo da atualidade.

Os domínios coloniais franceses incluem: a Guiana Francesa, a mais extensa dessas colônias, na fronteira norte do Brasil, encostada no Território do Amapá (e onde existe uma base militar para foguetes); as ilhas de Guadalupe e Martinica, no Caribe; a de Pierre e Miquelon, perto do Canadá; as ilhas Reunião e Mayotte, no Oceano Índico; a Polinésia Francesa, que inclui a paradisíaca ilha de Taiti e o atol de Mururoa, onde se realizam testes nucleares; e a Nova Caledônia.

### LUTAS DE LIBERTAÇÃO

Em todos esses domínios, com destaque para a Nova Caledônia, existem movimentos anticoloniais. E há também uma tenta-

tiva de articulação entre eles, iniciada em 1982, com uma reunião conjunta em que denunciaram a "ocupação militar permanente" de seus territórios, "através da utilização das forças militares para a repressão sangrenta".

É que a França não abre mão de seus privilégios coloniais. Seus domínios mais ricos - a Indochina e a Argélia - só se libertaram depois de enfrentar a metrópole em guerra que estão entre as mais devastadoras deste século. A Guerra da Indochina (região que inclui o Vietnã, Laos e Camboja) durou de 1945 a 1954. Morreram nela 375 mil guerrilheiros vietnamitas e 90 mil soldados franceses. Os franceses, apesar da ajuda dos EUA, terminaram derrotados pelo exército guerrilheiro de Ho Chi Min, na histórica batalha de Dien Bien Fu, e só assim desistiram de suas pretensões coloniais.

A guerra de libertação da Argélia prolongou-se de 1954 a 1962, com as forças de libertação recorrendo também à guerrilha, porém tendo como cenário o deserto norte-africano e não florestas. Os coloniais foram de uma rara selvageria, usando a tortura numa escala superior à dos piores ditadores sul-americanos. Os argelinos só conseguiram a independência, nos campos de batalha, depois de sacrificarem cerca de 1 milhão de vidas, sobretudo entre a população civil.

## Cessar-fogo EUA-URSS

O próximo encontro de cúpula entre os chefes das duas superpotências, Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev, já tem, finalmente, lugar e data marcados: será nos dias 11 e 12 de outubro, na Islândia. Para chegar a esse acordo, porém, os EUA e a URSS tiveram de acertar um cessar-fogo na guerra de espionagem que vinham mantendo entre si...

O episódio começou quando a CIA prendeu, em território americano, o físico soviético Gennady Zakharov, acusado de espionagem. Ato contínuo, a KGB prendia, na URSS, o jornalista americano Nicholas Danilof, sob a mesma acusação. Começou então uma azeda troca de acusações, contra-acusações e ameaças entre as superpotências. Cada uma delas denunciava, em tom indignado, a suposta injustiça que seu compatriota estava sofrendo, enquanto exibia as alegadas provas de culpa do prisioneiro que tinha em mãos. A opinião pública mundial, atônita, assistia à briga e reforçava sua convicção de que realmente não dá para acreditar nem em Washington nem em Moscou.

Talvez por isso Reagan e Gorbachev tenham terminado por trocar os dois prisioneiros, libertados segunda-feira dia 29 e recebidos como vítimas em seus respectivos países. Agora, ambos preparam-se para retirar resultados propagandísticos mais efetivos às custas do encontro na Islândia.



Strauss: marcos para a direita na Namíbia

## Revista revela caixinha na RFA

A revista alemã "Der Spiegel" revelou, em sua edição do último dia 22, a existência de um fundo secreto administrado pelo Ministério do Exterior da Alemanha Ocidental. Mas a denúncia que provocou agitação nos meios internacionais é o destino das verbas: políticos de países dependentes nos quais os alemães "depositam confiança".

A informação divulgada pelo semanário foi imediatamente confirmada pela chancelaria alemã, que só não fez comentários a respeito dos possíveis beneficiários do fundo. De acordo com a revista, entre eles estariam o presidente democrata-cristão de El Salvador, José Napoleon Duarte, o líder zulu sul-africano Gatsha Buthelezi - em quem a democracia cristã da Alemanha "deposita grandes esperanças" - e a organização direitista Aliança Democrática Turnhalle, da Namíbia - esta apoiada pelo arqui-reacionário Franz-Joseph Strauss, governador da Baviera. A revista não informa sobre "contribuições" para o Brasil, mas sabe-se que elas existem.

O responsável pela administração do fundo, Andreas Meyer-Landrut, revelou que o orçamento de 1986 reservou para as doações alemãs ao exterior 7,7 milhões de marcos (aproximadamente 3,8 milhões de dólares). Landrut explicou que estas verbas são distribuídas sem qualquer controle do legislativo, apesar de serem recursos públicos. A única autoridade a ter acesso às informações sobre a movimentação do fundo secreto é o presidente do Tribunal Federal de Contas, que duas vezes por ano fiscaliza os documentos.

Os marcos são retirados do Ministério do Exterior por parlamentares, que assinam recibo, e, então, repassam o dinheiro a políticos de sua simpatia na Ásia, África e América Latina.

### SIGILO DE 40 ANOS

Segundo a revista, a verdade é que nem todo o montante retirado pelos deputados alemães tem chegado a seu destino. Estariam sendo desviadas somas consideráveis para custear as campanhas de 87 pra o parlamento alemão.

As operações do fundo "para funcionarem adequadamente, devem ser mantidas sob absoluta confidencialidade", disse o secretário Meyer-Landrut. A extensão do escândalo ainda está para ser revelada. Afinal, sabe-se agora que ele existe desde a fundação da República Federal da Alemanha, em 1949. Durante quase 40 anos, portanto, democratas-cristãos, liberais, social-democratas e outros políticos burgueses alemães vêm se valendo do dinheiro dos contribuintes para, através de correligionários "conquistados" no exterior, interferir na política interna dos países dependentes. (Pedro Ivo)

## Uruguai não anistia crimes da ditadura

O Senado uruguaio rejeitou, no último dia 29, por 16 votos a 13, o projeto governamental de anistia ampla aos militares envolvidos em crimes contra os direitos humanos durante o regime militar. Durante as oito horas de debates, cerca de 5 mil manifestaram-se nas imediações do prédio do Congresso, exigindo "verdade e justiça".

A mesma sessão aprovou um projeto substitutivo, apresentado pelo partido Nacional (Blanco), de oposição, pelo qual só poderão ser anistiados os crimes que não forem considerados graves pela Justiça Civil. Segundo uma CPI da Câmara do Uruguai, 46 oficiais das Forças Armadas estão seriamente comprometidos com as torturas e os 164 "desaparecimentos" perpetrados entre 1973 e 1985.

## Frase de Nakasone evidencia racismo

Depois de uma semana de protestos, o primeiro-ministro japonês Yasuhiro Nakasone pediu desculpas, mas não conseguiu apagar a imagem de racista que ganhou, ao afirmar, no dia 22 de setembro, que o nível intelectual dos japoneses é mais alto do que dos norte-americanos, "devido ao número considerável de negros, porto-riquenhos e mexicanos" que compõem a população dos EUA. O ministro já havia tentado consertar, afirmando que se referia à taxa de alfabetização e não ao nível de inteligência, e que atribuía o desnível "ao contexto multiracial dos EUA".

"Existe um certo sentimento de superioridade", afirmou recentemente o professor Yasuo Furuya, da Universidade Cristã de Tóquio. "Depois da guerra, perdemos a autoconfiança, mas hoje, com o sucesso de nossa economia e tecnologia, há quem diga que tivemos êxito porque somos racialmente homogêneos. É uma tendência recente e perigosa".

## Alerta contra o "agente laranja"

Dois veteranos do Vietnã, sofrendo atualmente as consequências do cancerígeno agente laranja, lançaram na segunda quinzena de setembro, o livro "Meu pai, meu filho". Eles contam como a droga era fartamente utilizada como desfolhante pelos EUA no Sudeste Asiático.

Elmo Zumwalt Júnior, durante a guerra do Vietnã, comandava lâncas de patrulha, caçando guerrilheiros, enquanto aviões norte-americanos lançavam toneladas de agentes laranja sobre as selvas. Seu pai, o almirante Elmo Zumwalt, era então chefe de Operações Navais da Marinha norte-americana.

Como milhares de veteranos norte-americanos (e milhões de vietnamitas), Elmo Jr. ficou com câncer - já se submeteu até a um transplante de medula - e seu filho, Russel, é uma das milhares de crianças que nasceram deformadas e retardadas, vítimas do desfolhante. A tragédia familiar, no entanto, parece não ter sido suficiente, pois o almirante Zumwalt chega a afirmar que faria tudo de novo, "para salvar as vidas dos soldados norte-americanos".

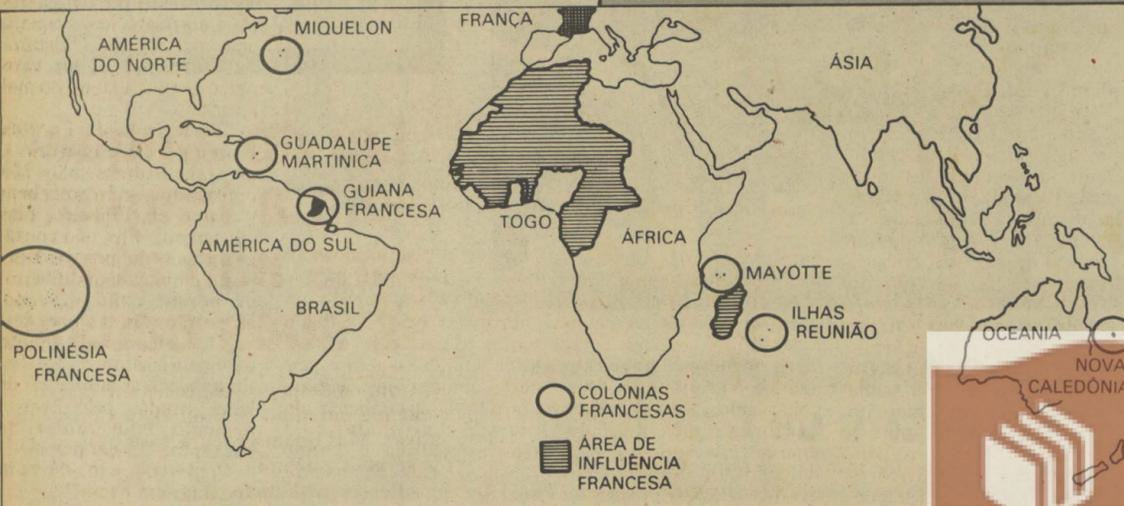
## Vírus desaparece de arsenal dos EUA

O grupo ecologista norte-americano Foundation on Economic Trends está movendo uma ação contra o Exército e o Departamento de Defesa dos EUA por não ter investigado adequadamente o desaparecimento, em 1981, de mais de dois litros do perigoso vírus Chikungunya, cultivado para o arsenal de guerra bacteriológica. Segundo o doutor Neil Levitt, ex-virologista do laboratório de Fort Dietrich, de onde desapareceu a sblução virótica, dois litros do Chikungunya são suficientes para "contaminar, várias vezes, toda a população do mundo". O vírus não mata, mas pode causar uma doença debilitante.

## Reator tipo Angra pior que Chernobyl

Os reatores refrigerados com água leve - como é o caso da usina atômica brasileira de Angra dos Reis - , cerca de 250 no mundo todo, têm um potencial de risco de acidente mais elevado que os refrigerados por grafite, como o de Chernobyl, afirmou, no último dia 25, o especialista norte-americano Richard Webb, durante uma reunião em Viena, paralela à conferência da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA).

Segundo Webb, esses reatores de água leve podem até mesmo "explodir como uma bomba atômica", sem aviso prévio. Em consequência da fissão do plutônio em vários "pacotes de massa compacta". No dia anterior, a organização ecológica Greenpeace havia divulgado, também em Viena, num relatório de 600 páginas, que nenhum dos principais tipos de reator nuclear que funcionam comercialmente hoje é seguro.



# Mulheres entram na luta pelo povo em São Paulo

O Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo promoveu no último dia 26 um debate entre as candidatas à Assembleia Legislativa, Constituinte e Senado. De imediato, uma constatação: embora ainda pequeno, o número de candidatas aumentou, um pálido reflexo da participação crescente das mulheres na vida social e política do país.

O número de eleitoras já ultrapassou o de eleitores: as mulheres representam quase 52% do eleitorado brasileiro. No mercado de trabalho, o número é menor, elas ocupam 33%. Mas nem esse número se reflete nas candidaturas para as eleições de 15 de novembro no Estado de São Paulo. Basta dizer que o PFL, por exemplo, sequer lançou candidatas à Constituinte. E dos 91 concorrentes pefelistas à Assembleia Legislativa existem apenas 2 mulheres. O PDS também não apostou muito nas mulheres. Entre 126 candidatas a deputado estadual há apenas 5 mulheres, 3,9% do total. No PTB apenas 6,3% de mulheres candidatas à Assembleia Legislativa e apenas 2,2% à Constituinte.

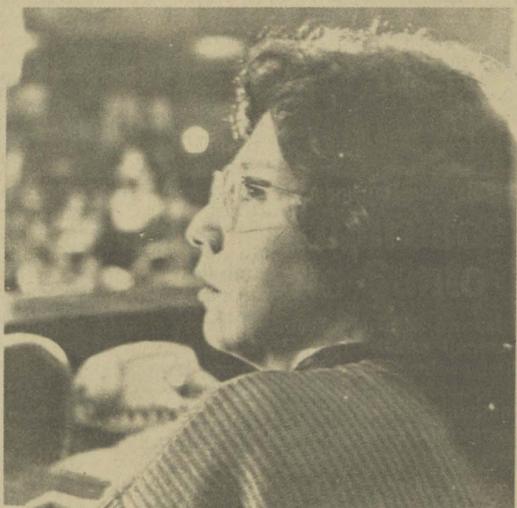
Quem mais apostou no avanço das mulheres foi o Partido Comunista do Brasil: 15 entre 57 candidatas a deputado estadual, um índice de 26,3%. Quatro comunistas disputam vagas na Constituinte entre 30 candidatos. Ainda a maior proporção: 13,3%. Mesmo em termos absolutos nenhum partido em São Paulo lançou tantos candidatas: 19.

O encontro de candidatas promovido pelo Conselho da Condição Feminina mostrou que o nível de politização das mulheres também cresceu. Apesar dos esforços de parte da mesa em evitar palmas e vaia, uma candidata malufista à Assembleia Legislativa não conseguiu concluir seu discurso. O auditório literalmente veio abaixo, com a esmagadora maioria das candidatas e observadoras gritando: "Um, dois, três, Maluf no xadrez"! Até mesmo outra candidata pedessista afirmou: "Não faço propaganda deste homem. Fiz minhas cédulas sem citar o candidato a governador, que nunca apoiou os pobres e

## As candidaturas femininas partido por partido

Candidaturas femininas de São Paulo para a Assembleia Legislativa e Constituinte

Partido	Assembleia Legislativa			Câmara Federal		
	Total de candidatos	Mulheres	%	Total de candidatos	Mulheres	%
PMDB	126	9	7,1	90	5	5,5
PTB	126	8	6,3	90	2	2,2
PT	122	11	9,0	66	7	10,6
PFL	91	2	2,2	41	—	0,0
PDT	126	6	4,7	88	5	5,7
PCB	75	7	9,3	57	3	5,2
PCdoB	57	15	26,3	30	4	13,3
PDS	126	5	3,9	90	6	6,6



Lillian defendeu o repúdio à UDR

que também discrimina as mulheres". Por outro lado, as candidatas do PC do B foram muito aplaudidas ao defender tanto uma plataforma específica para a mulher como bandeiras gerais como reforma agrária e suspensão do pagamento da dívida externa.

Ida Maria, vereadora e candidata a deputada estadual pelo PMDB, propôs uma moção de repúdio a um grupo de mulheres que decidiu apoiar a UDR. Lillian Martins, candidata à Constituinte pelo PC do B, reforçou a proposta, declarando: "Nós, comunistas, compreendemos a candidatura de mulheres como um avanço para o conjunto da sociedade. E estas mulheres que apoiam a UDR representam um recuo, um apoio ao que há de mais atrasado e reacionário neste país" (Olívia Rangel)



Max Mauro em campanha: inflexão em busca dos setores populares

## Candidatura Max Mauro cresce e une PMDB no Espírito Santo

A candidatura do deputado Max Mauro ao governo do Espírito Santo, pela coligação do PMDB, PC do B, PCB, PSC, PDC e PMN, ganhou impulso com a substituição de Sérgio Ceotto por Carlos Alberto Cunha como candidato a vice e outras modificações na chapa, que unificaram o PMDB. Este fator, assim como a adesão definitiva do governador José Moraes à campanha, já começaram a se refletir em uma virada nas pesquisas. No último comício de Max, no bairro popular de Campo Grande, em Cariacica, Grande Vitória, compareceram mais de 30 mil pessoas. Com isso o PMDB e os partidos coligados ganharam novo ânimo. Enquanto isso, a candidatura reacionária de Elcio Álvares, do PFL, em franco declínio nas pesquisas, procura jogar a Justiça Eleitoral contra a propaganda de Max no rádio e TV e, em desespero, apela para o anticomunismo.

### O SETOR POPULAR

Superados os problemas internos, a candidatura Max procura agora conquistar o primeiro lugar nas pesquisas, trabalhando prioritariamente nos setores populares da Grande

Vitória. A adesão da UDR capixaba ao bloco de Elcio Álvares também ajudou o PMDB e seus aliados a definirem melhor seu campo de ação política, concentrando-se nos trabalhadores rurais e na periferia dos centros urbanos.

O candidato do PC do B à Assembleia Legislativa também cresce, notadamente na Grande Vitória, onde concluiu uma dobradinha com Rita Camata, candidata a deputada federal e esposa do ex-governador Gerson Camata, que concorre ao Senado, o que também facilita a penetração de ambos nos setores populares e proletários, onde o PC do B tem sua principal base. Segundo entendidos em marketing político no Espírito Santo, hoje as candidaturas que mais crescem são a de João Martins para estadual e Rita Camata para federal. Max Mauro, por sua vez, com o desenvolvimento da campanha tem assumido compromissos maiores com os setores populares do Estado, prometendo, se eleito, um governo de efetiva participação popular, denunciando os setores que boicotam o congelamento dos preços e a UDR. (Luiz Aparecido, da sucursal)



Manifestação dos grevistas da fábrica Santa Marina, onde fica o "grande comitê eleitoral" do vidreiro Tonhão

# Os candidatos das fábricas buscam a votação classista

Uma campanha eleitoral geralmente gravita em torno dos locais de moradia, mas nas fábricas de São Paulo, principalmente as grandes, cresce uma tendência à definição classista do voto. É o que a Tribuna constatou acompanhando os candidatos operários Joel Batista (federal) e Neleu Alves (estadual), num ciclo de visitas às portas de fábrica da Lapa.

O distrito da Lapa, na Zona Oeste da cidade, é marcadamente proletário, com a segunda maior concentração de metalúrgicos do município (depois da Zona Sul). A composição social do PC do B local espelha esta realidade, tanto na base como na direção. Dos 13 membros do diretório distrital comunista, 11 são operários e 10 deles estão na fábrica. Apenas Joel liberou-se da produção, para poder tocar sua campanha. E a campanha se desenvolve basicamente nas fábricas, deslocando-se para os bairros apenas nos fins de semana.

Neleu Alves desenvolve uma campanha semelhante, principalmente na Zona Norte, onde atua como diretor do Sindicato dos Metalúrgicos. Ele conta, rindo, que em sua própria rua só começou a campanha graças a um vizinho, conquistado para a candidatura na fábrica onde trabalha, que se dispôs a levá-la adiante. Outro operário, da Filizola, também contatado na fábrica, levou-o por meia dúzia de pensões da Vila Maria onde moram seus conterrâneos piauienses. Porém o forte da campanha são as indústrias, e ele já percorreu 77 delas, todas meticulosamente anotadas num

caderno, com o número de operários, de visitas realizadas e a dobrada proposta em cada uma. Na Zona Norte ele dobra com Aurélio Peres, deputado federal do PC do B, também metalúrgico, que concorre à reeleição. Mas na Lapa seu parceiro de chapa é Joel, que trabalha há muitos anos na área.

### POLÍTICA OU TRUÇO?

A peregrinação pelas fábricas começa cedinho, na porta da Siemens, uma grande metalúrgica de capital alemão. Panfletos em punho, os candidatos, junto com alguns ativistas (também metalúrgicos, desempregados), começam a conversar com os trabalhadores que vão entrando.

Uma parcela, indiferente, nem lê o material, que vai para um latão de lixo alguns metros adiante. Mas a maioria sai lendo, ou guarda no bolso para examinar depois. Em muitas fábricas de São Paulo que funcionam por turnos, criou-se inclusive um hábito: o operário ao deixar o trabalho deixa sobre a bancada ou a máquina as publicações sindicais ou políticas que recebeu, para que seu companheiro do próximo turno possa lê-las. É um índice do espaço de liberdade um pouco maior

que os operários conquistaram nas empresas. Há poucos anos, seria fora de cogitação uma coisa dessas. O próprio Joel, em 1981, foi demitido por ter material político guardado discretamente dentro de sua gaveta.

Depois é a vez da Marprint, uma gráfica com 500 trabalhadores, descoberta por Neleu. A diferença é palpável. Enquanto a Siemens é politizada, recebendo frequentes visitas de candidatos, a Marprint não tem nem assistência do sindicato. "Aqui não tem a mesma agitação de lá, ninguém discute. Na hora do almoço tem o truço..." - comenta um gráfico, com uma ponta de inveja. Mesmo assim a discussão se estabelece e vários se dispõem a votar no PC do B. "Mas tem que ser um cara de boa formação, para ele se lembrar de nós depois que chegar lá - adverte um - por que se não o que tem muito, a burguesia, fala 'Você tem tanto para ficar quieto' e compra a consciência dele". Quer dizer: a discussão ainda é pequena, mas o sentimento de classe está ali.

### O CANDIDATO DA MAPRI

O resto da manhã é gasto na busca de chape (afinal conseguido, mas com ágio) para uma festa na sexta-feira, visando conseguir finanças. Quinhentas canecas estão sendo vendidas, também nas fábricas. Já são 11 horas quando os dois candidatos chegam à porta da Mapri (pertencente à multinacional Belgo-Mineira), para conversar com os ope-

rários durante o horário de almoço.

A Mapri é um caso especial, pois além de ter uma organização interna para a campanha, como na Siemens, Joel trabalhou ali durante dois anos e meio. Ali, são os operários que vêm procurar os candidatos, discutindo problemas, desde as campanhas majoritárias até as do PC do B. "O único que eu conheço em toda essa eleição é você, que nós já trabalhamos junto. Se não fosse por você eu não votava para ninguém" - diz um. "É um partido que eu estou conhecendo agora, mas eu seria capaz, eu sou capaz de votar neles" - afirma outro, que entrou na firma depois que Joel saiu. "Voto porque é um cara da batalha" - comenta um terceiro. Os operários da Mapri acabam de eleger pela primeira vez uma comissão de fábrica, em que vários membros, inclusive os dois mais votados, simpatizam com Joel e até participaram com ele de uma gravação para o programa de TV.

A ronda das fábricas se encerra com a Santa Marina, uma fábrica de vidros, de capital francês, que está em greve. Ali o PC do B tem um candidato saído de dentro da base da fábrica, Antônio Fernandes, o Tonhão. "Nosso grande comitê é aí dentro", diz ele, com um sorriso nordestino, apontando o prédio da fábrica. Só da Santa Marina, que tem 2.500 operários, Tonhão calcula conseguir 5 mil votos, contando os familiares dos vidreiros. (Bernardo Joffily)

# Maluf x Ermírio: o sujo e o mal lavado

Na inflamada disputa eleitoral pelo governo de São Paulo, assiste-se às vezes coisas que contando, em outras épocas, ninguém acreditaria. Agora, é o PDS de Paulo Maluf que aparece no horário de televisão... dizendo-se defensor dos operários da Nitroquímica, intoxicados pela exploração patronal na empresa de Antônio Ermírio de Moraes, rival de Maluf!

O caso de intoxicação de pelo menos 127 operários da Nitroquímica por emanações de dissulfeto de carbono (veja TO nº 284) foi introduzida no horário eleitoral gratuito no dia 22, pelo médico Jamil Murad, candidato a deputado estadual pelo PC do B. Além de fazer a denúncia, Jamil chamava atenção para o fato de que toda a riqueza do burguês provém da exploração do trabalho alheio. O staff malufista, contudo, farejou no episódio um ponto débil - como de fato - para atingir a candidatura Ermírio. Ainda mais porque o candidato do PTB, entrevistado sobre o problema, taxara o problema de "um caso corriqueiro, simples e ridículo,



Operários da Nitro; intoxicados por um, usado por outro

para quem dirige um complexo industrial como nós".

A coligação malufista, que dispõe de tempo à vontade na TV, passou a dar muita divulgação ao escândalo da Nitroquímica. Chegou a entrevistar operários da fábrica e até a transmitir uma entrevista do presidente do Sindicato dos Químicos de São Paulo, concedida

para as emissoras normais de TV, mas apropriada marotamente pelo PDS.

Porem a mãe de Paulo Salim Maluf, cujo lema é "Em política, o feio é perder", vai mais longe. Mesmo porque Maluf também é um grande capitalista, cuja família controla o Grupo Eucatex, e cuja fortuna provém de expedientes nada

confessáveis. É antigo, e conhecido, o escândalo Lutfala. Mais recente, de 22 de julho passado, e ainda mais escandalosa, é o flagrante de "exploração de trabalho em regime de semi-escravidão" constatada na fazenda Nossa Senhora de Lourdes, na Eucatex Florestal, na região de Angatuba. A revelação foi feita pela Secretaria do Trabalho do Estado de São Paulo (que por sinal constatou trabalho semi-escravo também na fazenda Nitroquímica, de propriedade de Ermírio). E basta transcrever alguns trechos do relatório a respeito para mostrar que a "denúncia" malufista é um caso típico de sujo falando do mal lavado.

"Na fazenda da Eucatex Florestal - diz o relatório -, os trabalhadores não são registrados, não recebem trabalho em dinheiro, mas em gêneros. Eles não conseguem sair da propriedade, porque nunca têm dinheiro, ou porque estão 'devendo' ao patrão. Os casebres desses lenhateiros são muito quentes e insalubres. São feitos com caixas laminadas de leite, viradas pelo avesso, armadas com ramos de eucatexito..." e vai por aí. Com tudo isso, dá para acreditar em Maluf?

Foto: Ailton S. Leite

# O consumidor é culpado?

O Plano Cruzado vai mal. Mas querem curá-lo matando o verdadeiro doente: o povo

O governo prepara novas medidas econômicas sob a justificativa de que é preciso salvar o Plano Cruzado. Alguns de seus economistas dizem que o povo está consumindo demais e isto constitui grande perigo para a estabilidade de preços. Para conter a demanda, chegaram a propor o aumento do Imposto de Renda na fonte e a taxa de 13% salário.

Esse diagnóstico não é novo. Já no primeiro grande remendo do Cruzado - a instituição dos chamados empréstimos compulsórios - o objetivo, entre outros, foi reduzir a procura de automóveis, álcool e gasolina. Também houve incentivos à alta das taxas de juros (que já alcançaram a marca dos 100%), restrição do limite de recursos destinados ao crédito pessoal, maior violência contra os movimentos grevistas, tudo isto justificado com o mesmo argumento.

## Governo culpa a demanda, mas os salários ainda estão baixos

Para o governo, muito mais que a sonegação e a especulação, a "explosão do consumo" é o que vem provocando a atual escassez de mercadorias. O pacote de fevereiro provocou uma "verdadeira revolução" no quadro de distribuição de renda em favor dos pobres, elevou o poder aquisitivo e o povo está gastando demais. É esta sua explicação.

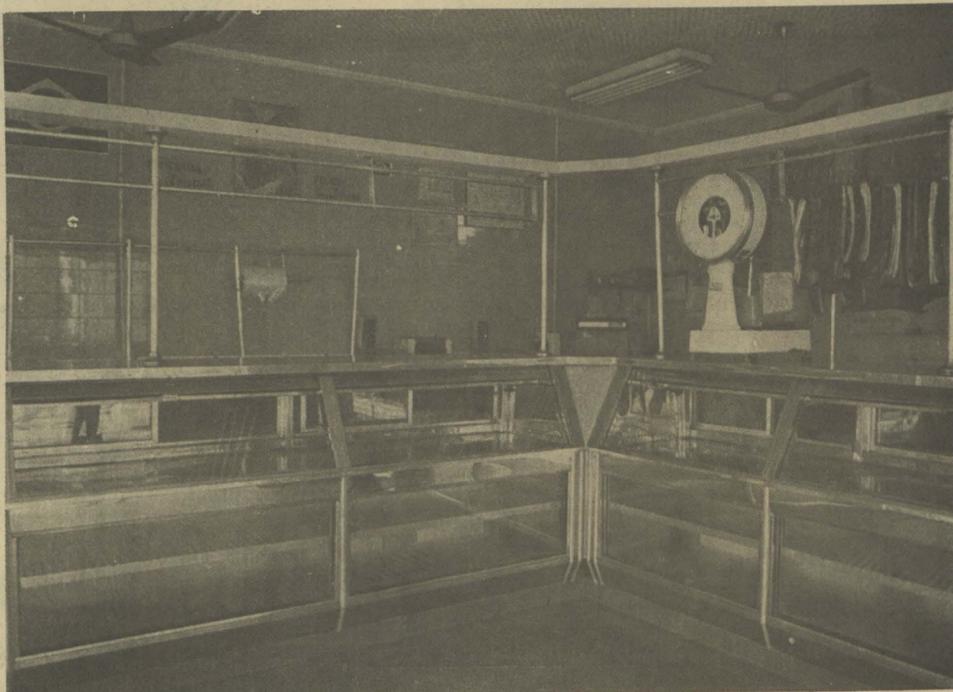
Mas quando se observa a pauta de reivindicações do movimento sindical, comprova-se que praticamente todas as categorias de trabalhadores estão exigindo principalmente reposição de perdas salariais. Afinal, quem é que está com a razão?

Embora as informações e estatísticas divulgadas a respeito sejam contraditórias e incompletas, há evidências de que realmente ocorreu um aumento da demanda neste ano. Porém, tudo indica que em proporções bem mais modestas do que as autoridades querem fazer crer. Nos supermercados, por exemplo, entre janeiro e agosto deste ano, as vendas cresceram em comparação com o mesmo período de 1985, mas apenas 4,62%, segundo informações divulgadas pelos patrões do setor.

De certos produtos, como a carne, é até ridículo falar sobre aumento do consumo (como fazem alguns, especialmente os pecuaristas), pelo simples motivo de que desapareceram do mercado. E o crescimento da demanda (efeitos, de qualquer forma não é nenhum sinal de excessiva pujança ou esbanjamento dos trabalhadores.

## Escassez se deve à menor oferta de bens para o mercado interno

Na verdade, o atual nível de consumo, se tomado *per capita*, encontra-se ainda inferior ao dos últimos anos da década de 70 até o início dos anos 80, época em que era igualmente exagerado dizer que o povo vivia bem e comprava demais. Assistimos a um quadro de escassez que resulta sobretudo da redução da oferta de bens para o mercado interno, fenômeno que se explica, antes de outra coisa, pela política econômica adotada nos últimos anos.



Argumenta-se até mesmo que o consumo da carne aumentou, mas os açougues continuam vazios

## Manifestação pelo confisco do boi

No dia 26 houve, em São Paulo, uma boa demonstração do caminho que o povo deve trilhar na luta para manter o congelamento e exigir do governo a punição exemplar dos sonegadores. O PC do B e o candidato do PMDB ao governo do Estado, Orestes Quércia, organizaram uma passeata da Praça da Sé à Praça da República pela aplicação da Lei Delegada nº 4 com a finalidade de confiscar os bois nos pastos e normalizar o abastecimento da carne.

A caminhada terminou em um comício com a presença de cerca de 4 mil pessoas, apesar da chuva e do horário (a partir das 16 horas). Um dos participan-

tes, o pedreiro Adelino Pereira da Silva, comentou: "O povo precisa sair à rua, só assim a gente consegue melhorar as coisas. A Lei Delegada nº 4 tem de ser aplicada porque o povo não agüenta mais".

Durante o comício o candidato a deputado federal pelo PC do B, Aldo Rebelo, comentou: "Isto aqui na praça prova que o povo quer medidas enérgicas do governo contra os pecuaristas, é urgente o confisco do boi". Já o deputado Aurélio Peres, também do PC do B, candidato à reeleição, acentuou que um dos motivos pelo qual "os verdadeiros comunistas estão apoiando Orestes Quércia é exatamente porque ele está com o

povo nesta luta contra os latifundiários, que é também uma luta pela democracia e pela reforma agrária".

O candidato Orestes Quércia, por sua vez, disse que o comício "é um protesto democrático contra os exploradores do povo, os que sonegam e escondem criminosamente as mercadorias. Algumas autoridades dizem que os trabalhadores não podem fazer greve, chamam a polícia, mas infelizmente até agora não tomaram qualquer atitude para confiscar os bois e punir os pecuaristas. Devemos continuar lutando para manter o congelamento, pois a inflação só penaliza os pobres, é amiga dos ricos".



Cerca de 4 mil compareceram no ato dirigido por Orestes Quércia e pelo PC do B

voltada para o pagamento dos juros da dívida externa. Isto exigiu "ajustes" (ou desajustes) de conseqüências desastrosas para o nosso já miserável mercado interno.

## Para exportar não há escassez, vende-se carne, automóveis...

Desta forma, a primeira grande providência foi elevar brutalmente o valor das exportações do país, que evoluíram 194% nos dez anos compreendidos entre 1975/1985. Em 1979, nossas vendas externas correspondiam a 13,4% da soma da produção industrial e agrícola; o percentual pulou para 26,4% em 1984, enquanto as importações (para consumo interno) declinaram de 15,8% para 12,8%.

Convenhamos que o resultado para o mercado interno só podia ser arrasador. Ainda mais se considerarmos que os termos das relações de troca de nosso país caíram de uma base 100 em 1977 para 53 em

dezembro de 1975. E somente entre 1980 a 1984 os preços das exportações brasileiras tiveram queda de 14,9%, o que quer dizer que para realizar um mesmo valor o país foi forçado a aumentar a quantidade dos bens destinados ao exterior em 53,9%. Como efetuou um valor ainda maior, teve de multiplicar o volume dessas mercadorias, o que se repetiu também no esforço equivalente em tempo de trabalho empregado nesta finalidade, já que a produtividade não evoluiu na mesma proporção.

## Mas o resultado foi o desastre do já minguado mercado interno

Soma-se a tudo isto, ainda, uma variedade de subsídios e incentivos às exportações que tornam ainda maior o sacrifício. De 13 impostos e taxas de efeitos equivalentes, os produtos destinados ao mercado externo estão completamente isentos de sete e, parcialmente, de quatro. Além disto, sobre eles já não incide os

encargos do PIS e do Finsocial.

Alguns exemplos dão a dimensão do absurdo a que se chegou: a exportação de carne bovina saltou de cerca de 2 mil toneladas em 1979 para 527 mil toneladas em 1984; as vendas externas de alumínio subiram de 2,8 mil toneladas em 1977 para 216,8 mil toneladas em 1985. Carne de frango, foram exportadas 280 mil toneladas em 1984; automóveis, em 1975, 73 mil unidades e, no ano passado, 207,6 mil. Em minérios de ferro, espera-se que o volume de exportação atinja 100 milhões de toneladas este ano.

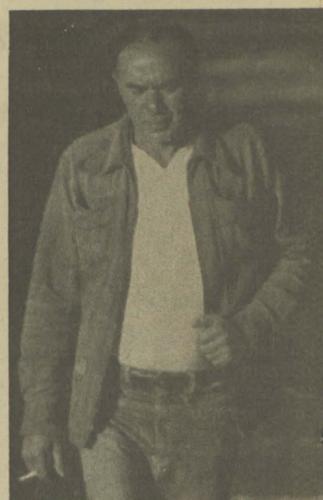
Enquanto isto, a produção bovina por habitante declinou, estando há anos estacionada em 2,1 milhões de toneladas; o consumo, *per capita*, caiu de 21 quilos para 13 quilos de 1977 para 1985; a falta de alumínio e uma diversidade de matérias primas e intermediárias está impondo limites físicos à expansão da indústria de transformação e mesmo paralisando algumas unidades produtivas. E ainda dizem que é o povo que consume muito...

# Caso Rubens Paiva traz a tona mais torturadores

O ex-tenente-médico Amílcar Lobo, testemunha de acusação no inquérito que apura a morte por tortura do deputado Rubens Paiva, em 1971 na Polícia do Exército, no Rio, revelou em entrevista ao "Jornal do Brasil", o nome de seis militares torturadores que trabalhavam para o DOI-CODI na época, que podem ter responsabilidade no caso.

Lobo citou o então comandante da PE, coronel Nei Fernandes Antunes; o comandante do PIC (Pelotão de Investigação Criminal), tenente Avólio Filho; o chefe da 2ª Seção da PC, capitão Leão e o capitão Gomes Carneiro - que, já foram apontados por ex-presos políticos como torturadores. Para Lobo, não é difícil saber quem assassinou Rubens Paiva: "É só levantar qual era a equipe de torturadores de plantão daquele dia", acentuou. Ele acredita que o ex-deputado foi enterrado às margens da rodovia Rio-Santos. "No quartel - diz - eu ouvia falar que enterravam muitos presos políticos mortos sob tortura. Da Polícia do Exército quase sempre saíam para a Rio-Santos caminhões militares que passavam algum tempo fora".

Lobo conta que a tortura, nos anos 70, passou a ser feita de forma quase aberta pelos militares, já que esses estavam certos de que jamais sofreriam punição. Denunciou também o envolvimento dos torturadores em roubo e contrabando. O capitão Leão, por exemplo,



O tenente Lobo revelou novos nomes

segundo ele, foi envolvido com contrabando apreendido pela PE e o sumiço de 600 milhões de dólares recolhidos de organizações de esquerda.

"Um sargento, de cujo nome não me lembro, também andou roubando carros para si, depois de participar do roubo de veículos, a serviço do DOI-CODI", relatou, acrescentando que os carros "eram roubados através de lista de seguros, as placas eram trocadas por placas friíssimas, mas registradas no Detran com pertencendo a órgãos de segurança".

## Brasil desagrada o FMI

Foi realizada na semana passada, em Washington, o 41º encontro anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial (BIRD). Mais uma vez a reunião teve por centro a grave crise do sistema financeiro internacional e as contradições entre países credores e devedores. Os banqueiros e seus porta-vozes pressionaram os países dependentes para que aceitem as diretrizes do FMI, conscientes de que a falência do órgão representa a própria bancarrota da ordem monetária instituída no pós-guerra. O presidente norte-americano Ronald Reagan, fez questão de frisar o "papel central do FMI no drama do crescimento", acrescentando: "Os Estados Unidos querem que esse papel continue".

Em seu discurso, Reagan elogiou vários países dependentes que adotaram políticas de acordo com o receituário do Fundo, citando a Argentina, Filipinas e México, entre outros. Sintomaticamente, não se referiu ao Brasil, cuja posição, reafirmada pelo ministro Dilson Funari, é de não aceitar o monitoramento da economia pelo FMI.

FMI chegou a endurecer o tom, ressaltando: "Nós não queremos entrar no próximo ano sem resolver o problema da dívida

externa. O Brasil já decidiu que não ficará à espera de que sejam corrigidos os desequilíbrios internacionais ou de que se estabeleça uma nova ordem econômica internacional". Salientou que a dívida "é um problema eminentemente político" e que o Brasil pagou 44,5 bilhões de dólares em juros, lucros e outras rendas de capital entre 1983 e 1986. "Não se pode esperar que esta situação perdure", acentuou.

## ILEGITIMIDADE ADMITIDA

Por outro lado, há poucos dias o Bank of América, segundo maior credor do Brasil, resolveu "perdoar a dívida no valor de Cz\$ 22 milhões levantada de forma irregular pela Centralsul, de Porto Alegre, durante a gestão corrompida de Ari Dionísio D'Almolim, ex-presidente da cooperativa. O débito vinha sendo contestado na Justiça pelo atual presidente da Centralsul, Jarbas Pires Machado. Existem fartas provas da irregularidade, o que explica o gesto "desprezado" do banco. Para o juiz encarregado do processo, há necessidade de uma profunda análise de toda a dívida externa brasileira para saber se é ou não legítima. Disse isso após a surpresa com o "perdão" da dívida pelo banco norte-americano.

## Campina Grande homenageia Severino

A Câmara Municipal de Campina Grande, na Paraíba, aprovou um projeto de autoria do vereador João Dantas, líder da bancada do PMDB, concedendo o nome de Severino Ribeiro a uma das ruas da cidade. O prefeito sancionou o projeto, que homenageia o mais antigo comunista da Paraíba. Severino faleceu de insuficiência cardíaca aos 87 anos, recentemente. Em 1922, ele filiou-se ao Partido Comunista do Brasil, onde permaneceu até sua morte.

Com a legalidade do partido, o

pedreiro Severino inscreveu-se na legenda que sempre defendeu. Apesar de sua idade avançada, vinha oferecendo o melhor de sua inteligência e energia à luta do povo brasileiro por uma vida melhor. Em Campina Grande participou de inúmeros movimentos e lutas sociais de classe, situando-se como um autêntico proletário. Como afirmou o vereador João Dantas, "com sua morte perde a classe operária e todo o proletariado um devotado combatente, cujo desempenho jamais será esquecido".

## Nova sede do PC do B em Pelotas

Uma festa de confraternização e um ato de apoio à candidatura de Vladimir Guimarães apresentaram as propostas dos comunistas para a Constituinte. "O PC do B, em seus 64 anos de lutas, tem sobrevivido a todas as perseguições e ao assalto de correntes oportunistas e revisionistas, sem jamais ter usufruído das benesses da classe dominante. Isso somente foi possível porque o partido esteve na vanguarda das lutas mais progressistas de nosso povo, e sua ideologia é o marxismo-leninismo", disse.

(da Neutural)

## A campanha comunista no Sul do Pará

Durante o mês de setembro o PC do B intensificou sua campanha política no Sul do Pará. Neuton Miranda, candidato a deputado estadual pelo PC do B, e Paulo Fonteles, candidato à Constituinte pelo PMDB (conhecido na região como o "deputado dos posseiros") visitaram Tucumã, Santana, Conceição, Xinguara e Marabá. Em Tucumã, distante mais de 1.000 km de Belém, os comunistas ficaram surpresos com a receptividade à campanha de seus candidatos. Populares ofereceram suas casas para a instalação de comitês eleitorais, outros organizaram grupos de coleta de cartazes, marcaram reuniões

com trabalhadores para apresentar os candidatos entre outras iniciativas. Em Xinguara, logo que Neuton Miranda e Fonteles chegaram, já se iniciaram as reuniões para discutir política. Os integrantes da chapa I do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xinguara, que venceu a recente eleição sindical, fizeram uma reunião para agradecer o apoio do PC do B à sua campanha na entidade. Também em Marabá, terra natal de Neuton, a receptividade foi muito grande. Na cidade ocorreu o comício da candidatura de Vladimir Guimarães para deputado pelo PMDB, muito concorrido.

Comunista e do Brasil  
Fundação Maurício Grabois

## LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

## Violência em último caso

"Se Deus quiser não vamos ter que usar a violência", declarou à imprensa o presidente da UDR do Rio Grande do Sul, Gilberto Scopel. Segundo ele a UDR só usará a violência "em último caso". Ocorre que a noção de "último caso" é muito relativa e os fazendeiros já vêm empregando a violência há muito tempo, seja para tomar a terra de posseiros seja para impedir qualquer medida relativa à reforma agrária.

## ESTRUTURA SUPERADA

A UDR de uns tempos para cá teve que adotar uma posição mais cautelosa, pois o movimento de protesto contra a matança de camponeses e líderes sindicalistas no campo cresceu muito. Esta organização de latifundiários tenta agora passar a idéia de que a violência parte dos sem-terra e não dos grandes proprietários, invertendo inteiramente a realidade.

Ocorre que a reforma agrária é um reclamo generalizado no país. A sociedade não suporta mais viver sob o peso de uma estrutura agrária que concentra a terra nas mãos de uma pequena minoria enquanto milhões de trabalhadores não têm um pedaço de chão para plantar ou têm uma propriedade minúscula, incapaz de garantir o sustento de sua família.

O uso da violência tem sido prática constante dos fazendeiros que querem manter os privilégios a qualquer custo, contra a opinião da imensa maioria e contra inclusive o tímido Plano Nacional de Reforma Agrária aprovado pelo governo.

## O JOGO DOMINANTE

Muitas vezes, é verdade, os fazendeiros apelam para o Judiciário. E este Poder, carcomido, ultrapassado, têm em inúmeras oportunidades impedido as desapropriações feitas pelo PNRA. Basta que o dono da terra comunique um plano de utilizar a terra daqui a não se sabe quanto tempo para que a Justiça impeça a desapropriação. Ou seja, uma simples declaração de intenção, de quem há décadas mantém a terra inaproveitada, serve como prova para considerar a propriedade como empresa rural, fora da área do PNRA.

Tal tipo de coisas serve para elevar o nível de consciência do povo. As classes dominantes vão "ensinando" às massas que não permitirão pacificamente o progresso social. Confirma-se desta forma o ensinamento marxista de que quando as relações de produção - em particular as relações de propriedade - passam a entrar o desenvolvimento, precisam ser substituídas revolucionariamente.

Os dominantes recorrem às instituições para fazer valer seus privilégios mas quando estas são insuficientes, "em último caso", passam a usar a violência contra o povo. E obviamente provocam a violência revolucionária das massas que se defendem.

No caso atual do Brasil, a coisa está clara. O próprio governo teve que aprovar o Plano Nacional de Reforma Agrária como resultado da fortíssima pressão social. Mas na prática o PNRA tem sido reduzido a um pedaço de papel sem aplicação concreta.

## LUTA EM VÁRIAS FRENTE

Os latifundiários jogam em três frentes: aplicam a violência aberta contra os camponeses e posseiros; utilizam sua influência no Poder Judiciário, fazem leilões de gado para financiar a campanha de candidatos à Constituinte. O povo tem também que lutar em todas estas frentes para fazer avançar o processo histórico. Para acumular forças e unir amplas camadas é indispensável saber agir utilizando as instituições burguesas, embora seja um terreno desfavorável, mas, ao mesmo tempo, deve se preparar para a violência que "em último caso" os dominantes empregam. (Rogério Lustosa)



Os militares pressionaram a Comissão Arinos em 1986, e poderão pressionar também a Assembléia Constituinte em 1987

## Anteprojeto Afonso Arinos sob o ataque da direita

Mesmo antes de ser oficialmente divulgado, o anteprojeto elaborado pela Comissão Provisória de Estudos Constitucionais foi alvo de cerradas críticas, principalmente de setores ligados ao capital monopolista nacional, ao latifúndio, ao imperialismo e ao militarismo. "Loucura", "xenófobo", "anacrônico" - foram alguns dos qualificativos aplicados ao texto.

A crítica mais virulenta partiu do próprio secretário executivo da Comissão Arinos, Ney Prado. Indicado pelos chefes militares para integrar a comissão dos "notáveis", Prado foi professor da Escola Superior de Guerra e chefe da Divisão Política do Colégio Interamericano de Defesa nos Estados Unidos. Íntimo do poder à época da ditadura dos generais, ele chegou a dificultar os trabalhos da Comissão, pressionando pela aprovação de determinadas normas (alegando que assim o desejavam os militares) e até mesmo confiscando fitas onde estavam gravados os debates entre os "notáveis".

Este senhor escreveu um artigo, "O anteprojeto do casuismo", para uma versão desautorizada do texto da Comissão - antes de sua divulgação oficial -, edição patrocinada pela revista "Manchete" e pelo Grupo Votorantim, do empresário monopolista e candidato ao governo de São Paulo Antônio Ermírio de Moraes. No artigo, ele começa dizendo que "o texto de nosso anteprojeto, na sua abrangência, revela sua face casuística, preconceituosa, utópica, socializante, xenófoba e, em muitos casos, perigosamente demagógica". Isso, partindo do secretário executivo dos "notáveis", fez com que a Comissão enviase uma carta ao presidente José Sarney descomprometendo-se com as opiniões de Ney Prado e o destituisse da secretaria executiva.

## A Comissão mudou, o "Estadão" não

Mais do que o destempero de um radical de direita, as críticas de Ney Prado expõem o descontentamento dos setores mais retrógrados da sociedade, ligados ao grande capital e ao imperialismo. Prado afirmou que foi elaborada a "Constituição do 'contra': primeiro, foi contra a PM, contra as Forças Armadas; depois, contra as empresas nacionais, contra o proprietário rural, contra o capital estrangeiro". afirmou ainda que, no campo econômico, a tendência "maior foi da estatização com a socialização". Alardeou que diverge do capítulo sobre "trabalho como um todo", centrando fogo no direito de greve e na jornada de trabalho de 40 horas.

Também o jornal "O

Estado de São Paulo" gastou tinta para denegrir os trabalhos da Comissão. Este jornal é ligado ao imperialismo norte-americano, aos latifundiários e a grandes grupos econômicos nacionais (o Banco Itaú é um de seus acionistas). Quando o então candidato à Presidência, Tancredo Neves, preconizava a formação de uma comissão de uns 20 integrantes presidida pelo jurista Afonso Arinos para elaborar o anteprojeto de Constituição, o jornal apoiava a idéia. Mas o "Estadão" não mudou. Quem mudou foi a comissão, que, do grupo restrito e fechado de juristas-consultos, que elaboraria o anteprojeto e o entregaria à Assembléia Constituinte para que esta lhe fizesse pequenas mudanças e em seguida o sancionasse, foi ampliada para 50 membros, representativos de tendências diversas (se bem que não todas) da sociedade, inclusive sindicalistas.

Assim, quando a Comissão entregou seu anteprojeto ao presidente Sarney, o "Estadão" nem sequer chegou a noticiar o evento na primeira página. Publicou um editorial afirmando que a Comissão "só gerou confusões e polêmicas" e alertou para a necessidade de "dissipar polêmicas inócuas ou discussões inconsequentes sobre um texto que, rigorosamente falando, pouco vale" classificando-o de "anteprojeto das notáveis confusões" (grifos do "Estadão").

Carlos Chagas, articulista político desse jornal, dedicou uma série de artigos ao anteprojeto, classificando-o de "prólixo, poético e desligado da realidade nacional", colocando-o num exercício estilístico, como "uma peça escrita em chinês, traduzida para o árabe e encenada em grego para uma platéia que só entende o dinamarquês", taxando-o de "anticonstituinte" que só "serve para outro planeta", estigmatizando os setores progressistas da Comissão como "xerifes sequiosos de revanche".

A "Folha de S. Paulo", outro instrumento de imprensa das classes dominantes, publicou um caderno especial com o anteprojeto, e derramou adjetivos sobre as propostas de artigos constitucionais. Considerou "xenofobia" (aversão ao estrangeiro) a nacionalização de bancos, seguradoras e finan-

ceiras; a reserva de mercado nos campos científicos e tecnológicos; a restrição ao capital estrangeiro e à remessa de lucros pelas multinacionais. A limitação em 3% anuais do pagamento da dívida externa é "loucura", segundo a "Folha". A estabilidade no emprego é "demagogia", como "demagógico" é reservar 50% das vagas nas escolas públicas a estudantes carentes, na visão da "Folha de São Paulo".

## O diabo não é do jeito que pintam

Mas o diabo, isto é, as propostas de defesa da soberania nacional, é mesmo do jeito que estes porta-vozes da reação estão pintando?

Nos últimos tempos tem havido uma verdadeira febre de "privatização" nos artigos econômicos da chamada grande imprensa. Ou seja, defende-se a entrega das empresas estatais (como a Petrobrás, por exemplo) ao capital privado. Não sejam ingênuos, quem tem "capital privado" para comprar essas estatais são as multinacionais. Sabe-se que é uma ação orquestrada - os "privatistas" fazem sua campanha no Brasil justamente quando o imperialismo, valendo-se inclusive do FMI, também pressiona o governo no sentido de que entregue as estatais aos investidores estrangeiros. E não é só a "Folha", mas também o governo estadunidense de Ronald Reagan, que considera "xenofobia" a reserva de mercado nos campos científicos e tecnológicos (o que inclui a informática).

Diferentemente do que preconizam esses setores, o Brasil é um país que necessita estatizar ramos decisivos da economia, se quiser defender sua soberania. O mundo de hoje está dividido entre um punhado de grandes potências, de um lado, e a esmagadora maioria das nações pouco desenvolvidas, de outro. A estatização dos setores mais importantes da economia pode ser instrumento para que se coíba o entreguismo e salve a pátria independente. Nesse sentido, a Comissão Arinos foi sensível aos anseios dos patriotas em alguns dos artigos de seu anteprojeto de Constituição.

Contudo, o texto está longe de priorizar o capital estatal em relação ao particular, como alardeiam os porta-vozes da grande burguesia. E isso é colocado em todas as letras no artigo 318 do anteprojeto: "A atividade econômica será realizada pela iniciativa privada, resguardada a ação supletiva reguladora do Estado, bem

como a função social da empresa". E o § 3º do artigo 319 estipula que a intervenção do Estado na economia, com o caráter supletivo, "será restrita, ocorrendo somente quando comprovadamente necessária, conforme diretrizes do planejamento econômico". Não é, portanto, o monstro estatizante que os monopolistas agitam.

A questão militar foi outro assunto gerador de pressões nos trabalhos da Comissão. Um de seus integrantes, o consultor-geral da República, José Saulo Ramos, propôs um artigo onde é extinta a Polícia Militar e proposta uma "polícia civil auxiliar do Poder Judiciário, admitindo um ramo uniformizado para a vigilância preventiva". O artigo foi aprovado, no dia 5 de maio. Mas, mal veio a público, choveram as pressões dos setores armados do Estado. O jurista Miguel Reale Jr., também membro da Comissão, numa espécie de ameaça velada, falou da possibilidade de que "os PMs, ao saberem disto, comecem a trabalhar a meia força". O comandante geral da PM paulista, coronel Theseo Darcy Bueno de Toledo, divulgou nota oficial mencionando sua "profunda preocupação com as imprevisíveis repercussões" da resolução e fustigando: "Não se negue hoje pairar sobre cada integrante da grande família policial militar o fantasma da frustração e do desalento".

## Os militares com medo de fantasmas

Cedendo às pressões, e ante a visão de policiais fortemente armados perambulando pelas ruas com "o fantasma da frustração e do desalento" perturbando-lhes o raciocínio, a Comissão voltou atrás no dia 6 de maio. Mas, mesmo sem extinguir a PM, restringiu seus poderes e áreas de atuação. E está lá, no artigo 417: "Os Estados poderão manter polícia militar, subordinada ao Poder Executivo, para garantia da tranquilidade pública, por meio de policiamento ostensivo, quando insuficiente os agentes uniformizados da polícia civil e do Corpo de Bombeiros". Mas a solução não agradou os comandantes militares, que preparam-se para pressionar os deputados constituintes, a partir do ano que vem. Detalhe: a "Folha de São Paulo" considerou "temerário" esse artigo.

Com relação às Forças Armadas, os oficiais-generais também trataram de pressionar no sentido de que a Comissão mantivesse-lhes a guarda da lei e da ordem

internas", conforme admitiu um dos "notáveis", Clóvis Ferro Costa. Aliás, Ney Prado não fazia segredo de sua condição de porta-voz dos militares nas reuniões. A formulação do papel das Forças Armadas, no artigo 414, deixa aberta a possibilidade de intervenção da instituição na vida política, quando solicitada pelos poderes constitucionais. Mas mesmo isso não satisfaz os oficiais-generais.

O vice-almirante Mário César Flores considerou o artigo "incompleto" e sugeriu, entre outras coisas, a criação de um órgão para assessorar o presidente da República "nos assuntos de segurança nacional" (cabe lembrar que a Casa Militar, o SNI e outros órgãos militares continuam intocados, pelo anteprojeto). O comandante do Comando Militar do Sudeste do Exército, general Sebastião Ramos de Castro, reclamou da substituição do Conselho de Segurança Nacional - atualmente em vigor - pelo Conselho de Defesa Nacional proposto pelos "notáveis" e queixou-se das restrições à doutrina de segurança nacional (que inspirou a famigerada Lei de Segurança Nacional e é sempre utilizada para justificar os golpes militares pela América Latina afora). A função das Forças Armadas na nova Constituição foi aventada até mesmo na ordem do dia do Dia do Soldado, 25 de agosto, quando o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, fez profissão de fé sobre a defesa da "ordem interna" que, a seu ver, é competência exclusiva dos fardados.

## Jogo de pressões será intensificado

Essa gritaria toda em torno de alguns artigos do anteprojeto da Comissão Arinos é indicio de que ela foi sensível a algumas pressões sociais de caráter democrático e progressista. Não se trata de adotá-la como o anteprojeto com o qual a Assembléia Constituinte vai trabalhar. É apenas mais uma contribuição para o debate constituinte. Um anteprojeto que, pela própria maneira com que foi elaborado, deu indícios das pressões que a Assembléia Constituinte sofrerá por parte das classes dominantes nacionais e alienígenas.

Aprofundar ainda mais o debate em torno dos temas da nova Carta Magna, levantar propostas avançadas, no rumo de um Brasil democrático e progressista, fazer o povo, unido e organizado, abraçar essas propostas, é o caminho para se contrapor às intenções dos poderosos. É a formação de um Brasil novo, que está em construção (Lúcio Pompe).

## DE OLHO NO LANCE

## Cada um por si

O PCB em São Paulo resolveu apoiar a candidatura de Antônio Ermírio para o governo do Estado. Mas um certo número de parlamentares e dirigentes discordou publicamente desta decisão e declarou que continua com Orestes Quércia.

Sem moral para manter a disciplina interna, o PCB tenta agora dizer que "evoluiu" e pode conviver com a divergência. Em outras palavras, não há mais disciplina. O partido decide e quem quiser segue as deliberações. Quem não quiser, "tudo bem".

Há muito tempo que o partido revisionista se encontra fragmentado em facções diversas. O que há de novo agora é simplesmente a oficialização do liberalismo como norma.

Fica assim evidente que o chamado "partido" é apenas mais um agrupamento social-democrata, que nada tem a ver com o proletariado. Nos partidos da burguesia é que, devido a interesses eleitorais, acima de tudo, cada grupo segue o seu cacique, mantendo-se uma unidade formal apenas para garantir a legenda na apuração dos votos.

Nos partidos comunistas revolucionários as decisões são baseadas em exaustivas discussões mas, uma vez tomadas, são obrigatórias para todos.

# Aluguel: problema mal resolvido

**O magistério parou também no Paraná e MG**

No último dia 24, o presidente José Sarney sancionou a lei que suspende as ações de despejo e proíbe os aumentos de aluguéis nos imóveis residenciais e não residenciais até março próximo. A nova lei, apesar de limitada, foi recebida com alívio pelos locatários que, após o Plano Cruzado, foram vítimas de infernal perseguição dos donos de propriedades.

Desde a edição do Plano Cruzado, em fevereiro passado, as aproximadamente 7,5 milhões de famílias brasileiras que moram em casas alugadas passaram a enfrentar uma situação ainda mais penosa e angustiante. Para burlar o congelamento dos preços, os donos de imóveis começaram a exercer todas as formas de pressão para obrigar os inquilinos a aceitarem aumentos "negociados" dos aluguéis. Quando não atingiam seu intento, os mais inescrupulosos simplesmente forçavam os locatários a abandonar as propriedades. Depois, supervalorizaram os imóveis.

Em consequência dessa ação nefasta e incontrolada, nos últimos meses houve um vertiginoso aumento dos preços dos aluguéis. De acordo com Marta Godinho, ex-secretária da Fabes (Secretaria da Família e Bem-Estar Social de São Paulo), os moradores da periferia foram as principais vítimas dessa especulação imobiliária. "Depois do Cruzado, os aluguéis subiram até mil por cento", afirma Godinho, que completa: "Isto obrigou as famílias de trabalhadores a se deslocarem mais ainda para as favelas, que hoje estão superhabitadas".

Na ambição de valorizar seus imóveis, os proprietários usaram dos estratagemas mais escusos. Fizeram ameaças, argumentaram falsamente que pretendiam ocupar pessoalmente a casa, desocuparam imóveis sem aviso prévio e utilizando-se de violência. O recurso mais comum foi o das ações de despejo. No Rio de Janeiro, por exemplo, as ações na Justiça duplicaram: em abril foram 868; em agosto, 1.658.

## CASO GRITANTE

Um caso ilustrativo dessa pressão ocorreu com os moradores do Edifício Santa Amália, na Avenida 9 de Julho - no



Após o Plano Cruzado, especulação imobiliária chega às favelas

centro da capital paulista. O dono do prédio, Carlos Martins Ribeiro, após "negociar" um aumento de mais de 100% nos aluguéis, insatisfeito, passou a pressionar para que os inquilinos saíssem do imóvel. Para isso, cortou a água; fechou a garagem com cadeados; desligou o elevador social e o interfone; e demitiu o zelador e o faxineiro do edifício. Chegou inclusive a publicar um anúncio da venda da propriedade antes dos habitantes terem-na desocupado. Com tamanha pressão, apenas quatro das 16 famílias do Santa Amália resistiram.

## LIMITES DA LEI

No caso dos cortiços (habitações precárias de trabalhadores de baixa renda), a pressão é mais violenta ainda - apesar de ser pouco divulgada. No bairro da Liberdade, também no centro de São Paulo, um proprietário começou a demolição do cortiço ainda com os moradores no seu interior. No Braz, o dono do cortiço não teve compaixão nem de sete viúvas idosas que lá habitavam. Seu filho invadiu os cômodos, destruiu a porta de entrada da proprie-

dade e ameaçou a vida das senhoras. Nenhuma delas agüentou as arbitrariedades.

Devido a essa situação alarmante, a lei aprovada por Sarney recebeu o imediato apoio do povo. Por outro lado, gerou forte reação dos proprietários de imóveis e seus porta-vozes. Georges Masset, presidente da Associação Brasileira de Administradores de Imóveis (Abadi), taxou a lei de "inopertuna e demagógica", afirmando cingentemente que "ela fere o direito de propriedade". Já o arquitecionário jornal "O Estado de São Paulo" classificou-a de "irrefletida, leviana e irresponsável".

Mas a grita dos donos de imóveis não se justifica, inclusive porque o alcance da nova lei é limitado. Seu prazo de duração, até o 1º de março, é muito reduzido. A maioria dos processos de despejo duram mais de seis meses na justiça e, nesse sentido, a lei é ineficaz. Além disso, ela abre exceções que a tornam pouco útil no combate à especulação imobiliária. Ela permite, por exemplo, que o proprietário exija o imóvel para o seu uso próprio e de seus parentes - o que dá brechas para a continuidade das manipulações.

Por outro lado, o governo pouco tem feito para abordar o problema estrutural da carência de habitações no país. Só em São Paulo o déficit habitacional é de 7 a 8 milhões de imóveis, segundo a Caixa Econômica Federal.

De acordo com dados do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado, atualmente cerca de 3,5 milhões de paulistas moram em cortiços e outros 1,5 milhão habitam favelas. A mesma pesquisa mostra que 70% da população da capital mora em condições precárias. Para essas famílias não basta uma lei que restrinja os aumentos abusivos de aluguéis e os despejos. O fundamental é ter moradia própria para habitar.

## A demagogia de Maluf

Na propaganda gratuita de rádio e TV, o candidato Paulo Maluf tem afirmado repetidas vezes que foi na sua gestão como governador de São Paulo que mais se investiu em moradias populares. Para que esse embuste não tape ninguém é bom refrescar a memória. Um pequeno levantamento da ação do ex-governador nessa área serve para elucidar a verdade.

"Esses apartamentos são uma vergonha, uma piada. São gaiolinhos onde mora um em cima de outro". O depoimento desse morador do conjunto habitacional de Itapevi ilustra bem que tipo de "moradia popular" foi construída na gestão do ex-governador Paulo Maluf (1979-1982). Como esse, vários outros relatos reveladores foram prestados à Comissão Especial de Inquérito, promovida pela Câmara Municipal de São Paulo em 1984.

Nesta CEI os vereadores concluíram que todos os núcleos residenciais erguidos naquele período ofereciam "graves problemas aos moradores". Após ouvir vários especialistas e mutuários, a comissão também constatou que o tão alardeado projeto Pró-Morar, executado pela Cohab (Companhia Metropolitana de Habitação), foi um engodo com meros fins eleitorais. Como explicou o ex-diretor de obras da Cohab, Rodolpho Monsueto, "a construção dos núcleos obedecia unicamente a interesses políticos e à necessidade de se mostrar estatísticas satisfatórias".

## PEDAÇO DA PAREDE

O malfadado Pró-Morar foi executado na administração de Maluf. Só na capital paulista, a Cohab ergueu às pressas oito conjuntos habitacionais, totalizando cerca de 3.900 unidades. Devido às falhas na construção das moradias, todas apresentavam erros graves, como "falta de pavimentação, escoamento de águas artificiais, galerias de águas pluviais e bocas-de-lobo obstruídas etc". Posteriormente o governo Montoro teve que investir Cz\$ 2,5 bilhões só em obras de reparos das casas.

As "moradias populares" de Maluf foram feitas da

forma mais atabalhoada e desconexa possível. A empreiteira Civilia Engenharia, por exemplo, ergueu mais de 900 unidades da Cohab ao lado de um aterro sanitário. Já a Construtora Coan fez de cobaias as 418 famílias transferidas para o conjunto Fernão Dias, erguendo casas de gesso em apenas 72 dias de trabalho. No caso do Pró-Morar da Estrada da Parada, depois de três dias de ocupadas os moradores tiveram que abandoná-las porque os forros começaram a desabar. Todas as unidades da Cohab eram reduzidas e estavam em péssimas condições.

## "TUDO CAINDO"

Um habitante do conjunto Fernão Dias afirmou na CEI: "Somos uma família que não cabe dentro de casa. Até no chão nós dormimos. Quando chove não podemos dormir. Ficamos matando as baratas, caçando aqueles mosquitos bem grandes". O mesmo morador chegou a levar à Câmara Municipal um pedaço da parede de sua casa. "Nossas casas são de gesso e as portas de papelão. Está tudo caindo. As casinhas são um depósito de insetos".

Um outro mutuário, ex-morador de favela, relatou que preferia seu barraco anterior. "É certo que ele não era uma maravilha. Mas pelo menos podíamos consertar os estragos. Agora, com o gesso, não dá nem para fazer remendos". Informou também que o conjunto não tinha qualquer infraestrutura, como escolas, postos de saúde, ruas pavimentadas. Além de criticar a precariedade das habitações, os mutuários também condenaram a elevação constante das prestações. Segundo levantamento feito pela Cohab em 1984, 89% dos moradores estavam com o pagamento atrasado.



Em Itaquera moradores se uniram para enfrentar problemas

Também estão em greve os professores da rede estadual do Paraná e da rede particular em Minas Gerais. No Paraná, a principal reivindicação da categoria é, como em São Paulo, pela instituição de um piso salarial equivalente a cinco salários mínimos. Atualmente, o piso é de 2,2 salários. O governo do Estado já propôs a elevação do piso para 2,5 salários a partir de janeiro e 3 salários a partir de julho do próximo ano. Mas o magistério não aceitou.

Em Minas, a greve é por aumento salarial de 30%, instituição de pisos variáveis entre três e oito salários, além de 20 horas/aula por semana. A categoria (de 35 mil em todo o Estado) realizará uma assembléia segunda-feira para avaliar o movimento, que hoje paralisa 85% das mil escolas particulares existentes em Minas.

**Professores mantêm a greve em São Paulo**

Os professores paulistas da rede estadual de ensino decidiram manter a greve pela reposição das perdas salariais da categoria, o que corresponde à conquista de um piso de cinco salários mínimos. No dia 30 as lideranças do movimento estiveram reunidas com o vice-governador Orestes Quêrcia, candidato do PMDB ao governo estadual, mas não se chegou a um acordo.

O governo propôs o pagamento dos dias parados, desde que haja reposição de aulas, um eventual reajuste do funcionalismo, que seria estendido ao magistério e o pagamento de quatro referências de janeiro por decreto se a Assembleia Legislativa não aprovar o projeto de lei a este respeito em tempo.

Contudo, as autoridades nada propuseram em relação à principal reivindicação dos professores, o piso de cinco salários mínimos, que eles chegaram a ganhar no passado e que o longo período de arrocho salarial confiscou (hoje, o piso é pouco superior a dois salários).

Nessas condições, o impasse tornou-se inevitável. A categoria tem realizado manifestações sucessivas dando provas de que está unida em torno da luta pelo piso de cinco salários. O governo, no entanto, está pouco sensível à reivindicação. Limita-se a ver exploração política no movimento, escudando-se nisto para negar o atendimento da justa exigência dos grevistas.

**A UBES presente nos Estados e em cada escola**

A União Brasileira dos Estudantes Secundaristas está preocupada em atingir todas as escolas, levando sua plataforma para todo o conjunto dos estudantes. Com este objetivo lançou a campanha UBES Presente. Todos os direitos têm viajado pelos Estados fazendo debates nos estabelecimentos de ensino sobre questões como ensino público e gratuito, a reconstrução dos grêmios, a eleição direta para diretores.

Além de reivindicações específicas do estudantado como estas, a atual diretoria da UBES tem se preocupado em fazer também um amplo debate sobre a Constituinte, suspensão do pagamento da dívida externa, reforma agrária e outros pontos da plataforma política aprovada no 25º Congresso da entidade.

Segundo os membros da executiva da entidade Kleber dos Santos Silva e Manoel Júlio de Souza, a principal preocupação da atual diretoria é a organização da UBES, a criação de raízes profundas entre os diretores e estudantes em geral. "Já esteve em diversos Estados - disse Kleber - e a receptividade nas escolas é boa. O que faltava mesmo era um projeto como esse, que aproximasse a enorme massa de estudantes e as entidades a nível municipal, estadual e, principalmente, nacional".

Com a concretização desta proposta, a UBES estará realmente presente entre os secundaristas e no cenário político nacional.

## CIOLS quer controlar os sindicatos da AL

Em meio a inúmeras greves e mobilizações dos trabalhadores argentinos, realizou-se em Buenos Aires, de 21 a 27 de setembro, a II Conferência da CIOLS (Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres) sobre "Dívida externa e desenvolvimento". O encontro contou com a participação da CGT brasileira, representada pelo seu presidente Joaquim Andrade e o 1º secretário, Sérgio Barroso, e ainda da CUT e do Dieese.

Cerca de 30 centrais sindicais da América Latina, quase todas filiadas à CIOLS, estiveram presentes. Durante os debates, causou reboliço as intervenções dos dois dirigentes da CGT, Joaquim de Andrade e Sérgio Barroso. Ambos concluíram que a dívida é "absolutamente impagável". Reiterando a proposta de que o pagamento seja suspenso até que o povo se pronuncie a respeito do problema.

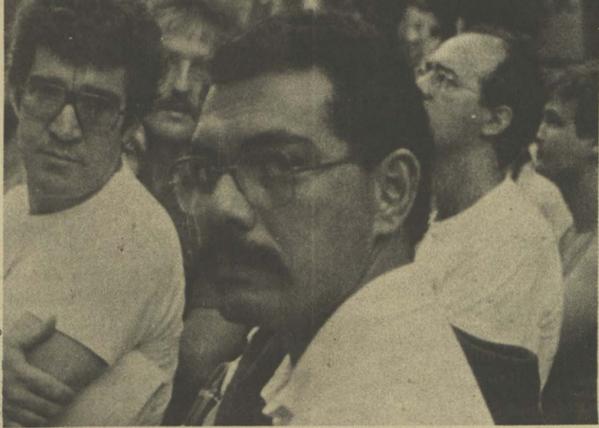
## CONCILIAÇÃO

A posição da CIOLS (entidade vinculada aos interesses dos monopólios imperialistas) é no sentido da conciliação com os interesses dos banquei-

ros credores, o que não chega a surpreender. As lideranças da Confederação defenderam a renegociação "tendo em vista o fracasso da política de estabilização do FMI", bem como a "explosiva situação social da América Latina".

Entretanto, ao final da reunião, depois dos relatos "constrangedores" dos pedidos de suspensão do pagamento, da posição da CGT argentina, favorável à "moratória dos serviços" e divergências entre centrais européias e a AFL-CIO, o documento final acabou esboçando uma espécie de "moratória dos serviços".

No encontro, ficou evidente que a América Latina atravessa



Sérgio Barroso representou a CGT brasileira na conferência

uma grave crise econômica e social, tendo como pano de fundo precisamente a dívida externa. Os sindicalistas da Argentina, Bolívia, Chile e outros países fizeram prolongadas exposições sobre a difícil situação em que vivem os trabalhadores na região.

Observou-se também, a tentativa da CIOLS no sentido de controlar o movimento sindical no continente no novo quadro de restauração da democracia aliada à desorientação reinante entre os trabalhadores. Ficou patente, contudo, que a defesa da continuidade

do pagamento da dívida aos banqueiros parasitas - o que só pode ser feito às custas da miséria crescente do povo - é praticamente impossível nas condições atuais (um limite, sem dívida, à intenção da CIOLS).

É possível tirar cinco conclusões do encontro. Em primeiro lugar, que as ditaduras militares golpearam fundo o movimento operário latino-americano. Agora, a divisão do movimento sindical acirra a disputa internacional, seja pelo "financiamento", seja pela hegemonia política, sendo que não há hegemonia real no momento. A crise econômica dos países da região é profunda e é grande a insatisfação dos trabalhadores. Por tudo isto, a proposta da construção de uma organização sindical latino-americana, independente da CIOLS, da FSM e da CMT, mas pluralista e unitária, merece a atenção das correntes sindicais progressistas, democráticas e revolucionárias do continente.

**Percalços na greve do MPAS**

Confrontando-se com a ação petulante do ministro da Previdência e Assistência Social, Raphael de Almeida Magalhães, que sequer aceita conversar com os trabalhadores aciona a repressão e punição contra os grevistas, a paralisação dos funcionários da Previdência vai caminhando de percalço em percalço. No final de setembro, os funcionários lotados em São Paulo - que em nenhum momento aderiram maciçamente ao movimento - decidiram errar a greve. Dos 16 Estados onde ocorreram paralisações do trabalho a partir de 11 de setembro, apenas sete ainda estavam mobilizados no início de outubro - incluem o Rio de Janeiro, onde a categoria é integrada por 75 mil funcionários.

Os 230 funcionários da Previdência pleiteiam gratificação de 80%, jornada de 30 horas semanais e um novo Plano de Carreira. O ministro Raphael de Almeida Magalhães nega-se a negociar, sob a alegação de que a greve é ilegal (pela lei imposta pela ditadura militar, a categoria exerce "atividade essencial", sendo proibidas paralisações). O ministro chegou a demitir o diretor do Hospital Presidente Médici, em Brasília, porque ele solidarizou-se com a luta da categoria. Francisco Assis Correia, o diretor demitido, havia sido eleito pelos funcionários do hospital para exercer o cargo.

Mas as perseguições não pararam aí. O ministro chamou a polícia para impedir piquetes e um ato de protesto diante do Ministério. Alguns grevistas chegaram a ser presos pelos agentes da repressão.

Essa truculência levou a que os funcionários incluísem mais um ponto na sua pauta de reivindicações: a demissão do ministro Magalhães, por suas "atitudes incompatíveis com os interesses da Previdência Social, falta de diálogo com a categoria e intensa repressão a um movimento grevista pacífico".

**Estatizar indústria de remédio**

Foi lançada, em Porto Alegre, uma campanha pela criação da indústria químico-farmacêutica estatal. A campanha - que pretende ser nacional - começou a partir de uma série de reuniões com entidades da área de saúde e órgãos do governo federal e estadual, articulados pela vereadora Jussara Cony, que preside a Comissão de Saúde e Meio Ambiente da Câmara Municipal. No dia 18 houve o lançamento oficial do movimento, na Assembleia Legislativa gaúcha.

Os sindicatos e os conselhos regionais dos médicos e dos farmacêuticos, a CUT, partidos políticos e representantes de órgãos governamentais participaram do ato. A vereadora Jussara Cony, candidata à Assembleia Legislativa pelo PMDB, desenvolveu vigoroso trabalho de denúncias contra as indústrias multinacionais de medicamentos.

A vereadora considera que o problema dos medicamentos deve ser encarado do ponto de vista da soberania nacional, e que a instalação de uma indústria estatal neste ramo seria um passo importante para a produção de tecnologia capaz de elaborar não somente medicamentos, mas principalmente matérias-primas para medicamentos. (da sucursal)



Grevistas em São Lourenço: adesão maciça a um movimento legal

**Canavieiros em greve por salário de Cz\$ 1.200,00**

Os canavieiros de Pernambuco estão em greve, desde o dia 29 de setembro. Os 250 mil trabalhadores rurais querem melhorias salariais. Eles ganham hoje Cz\$ 901,52 mensais, e querem um piso de Cz\$ 1.200. A contraproposta dos usineiros foi uma piada: Cz\$ 948! A greve era inevitável. A justiça da luta é tamanha, que o movimento foi deflagrado cumprindo todas as exigências da legislação trabalhista - a greve é legal!

É conhecida a violência dos usineiros pernambucanos. E mesmo antes da greve, no dia 27, um fiscal da Usina Bulhões, em Jaboatão, deu um tiro num trabalhador que reclamava pagamentos atrasados... E, se os trabalhadores estão agindo nos estritos limites da lei na campanha salarial, o mesmo não se pode dizer dos poderosos tubarões da indústria da cana. Os patrões, que pagam menos de Cz\$ 30 ao dia para seus funcionários, estão contratando fura-greves de outras regiões do Estado por até Cz\$ 60 por dia. Cabe lembrar que a lei 4.330/64 proíbe aos empregadores substituir os grevistas por clandestinos a fim de desmobilizar a greve.

O próprio fato dos trabalhadores rurais entrarem em greve para conquistar um salário de Cz\$ 1.200 por mês já dá ideia da situação de penúria em que vivem os assalariados da cana. Como comentou um grevista, "queremos apenas um aumento no nosso ganho, pois o que recebemos não está dando nem para comprar charque, feijão e farinha para nossa família".

Já o patronato vale-se de subterfúgios nas negociações salariais. O atual salário pago pelo corte de 2 a 2,5 toneladas de cana solta por dia corresponde a perto de Cz\$ 30. Os patrões propõem um ridículo aumento de 5,1%, ao mesmo tempo em que querem aumentar a tarefa do corte de cana solta para 3,5 até 4 toneladas por dia, o que corresponde a um salário de Cz\$ 31 diários. "A nossa perda salarial, depois de tantas negociações, seria de até 50%", denunciou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Lourenço da Mata, Agápio Francisco dos Santos. A greve está sendo coordenada pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco.

Neste momento de campanha política, foram inevitáveis os sintomas partidários na luta salarial. Enquanto muitos grevistas não escondem seu apoio ao candidato ao governo de Pernambuco pelo PMDB, Miguel Arraes, os jipes dos usineiros invariavelmente têm afixadas propagandas do candidato do PFL, José Múcio Monteiro...

No momento em que encerrávamos esta edição, o Sindicato das Indústrias de Açúcar de Pernambuco (patronal) admitia a redução em 40% da moagem da cana, e anunciava que apenas 12, das 42 usinas de açúcar e álcool do Estado, estavam operando. A Federação dos Trabalhadores anunciava uma adesão maior ao movimento grevista. Para o dia 3 estavam marcadas novas negociações com os patrões na Delegacia Regional do Trabalho.

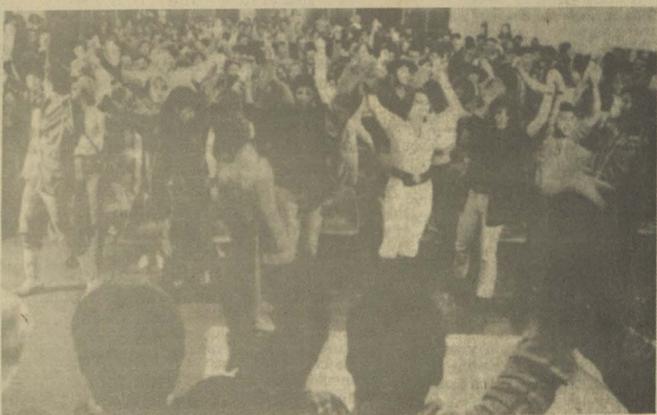
**Termina sem acordo a greve dos comissários da VASP**

Após 19 dias de greve, os comissários de voo da Viação Aérea São Paulo (VASP), decidiram retornar ao trabalho. Esta decisão foi tomada numa emocionada assembléia realizada dia 1º, sem que eles conseguissem abrir negociações com a diretoria da empresa, que se mostrou intransigente até o fim. Os comissários irão trabalhar durante 20 dias usando tarjas negras como forma de prestar solidariedade aos 77 demitidos. Neste período renegociarão a melhoria salarial com a diretoria da VASP. A total intransigência do presidente da empresa aérea estatal, Antônio Angarita, impediu que se chegasse a um acordo antes. Angarita disse que só negociaria depois que os comissários voltassem ao trabalho e estes estipularam como única condição para o fim da greve, que a VASP aceitasse de volta os demitidos. Os grevistas recorreram ao deputado Ulysses Guimarães, presidente da Câmara dos Deputados, que tentou uma infrutífera intermediação com a direção da VASP.

A empresa fez de tudo para colocar precariamente os aviões em voo, pondo em risco inclusive

a segurança dos passageiros. Foram contratados novos comissários e com a ajuda de funcionários de outras companhias de aviação, se restabeleceram alguns vôos. O presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas, José Caetano Lavorato, denunciou esta medida e responsabilizou a VASP por qualquer problema que ocorresse com os aviões que estavam deixando o aeroporto, "uma vez que eles estão levantando vôo com comissários recém-contratados e que não tiveram oportunidade de um treinamento adequado, o que coloca em risco a vida da tripulação e dos passageiros".

Os órgãos de informação mais uma vez pressionaram para que o governo não cedesse diante dos grevistas. Segundo a imprensa, numa reunião realizada entre o presidente da VASP, os ministros-chefes do SNI, Ivan de Souza Mendes, e do Trabalho, Almir Pazzianotto, se decidiu que não haveria negociação com os comissários em greve. Paralelamente a isto a Polícia Federal iniciava inquérito para identificar os grevistas.



Comissários da VASP: assembléias mostram garra da categoria

**Porto de Santos ocupado por fuzileiros navais**

Na segunda-feira, dia 29 de setembro, o Porto de Santos amanheceu tomado pelos fuzileiros navais que desembarcaram do navio Soares Dutra da Marinha de Guerra do Brasil.

O motivo de todo este aparato militar foi a greve por tempo indeterminado dos avulsos (estivadores, concertadores, conferentes e vigias) que atuam na operação de carga e descarga no porto.

A reivindicação maior dos trabalhadores é pelo repouso semanal remunerado, que lhes foi tirado em 1965 pelo regime militar. "Nossa reivindicação é justa e lutaremos até conseguir o nosso direito sagrado que é o descanso remunerado. Não estamos fazendo uma greve político-partidária, nosso interesse é reconquistar o que nos roubaram" - falou numa entrevista à Tribuna Operária o presidente do Sindicato dos Concertadores, Adilson de Souza.



O porto em greve pelo descanso, e a resposta foram os fuzileiros

**OPINIÃO**

**Intromissão militar**

Mis uma vez as Forças Armadas intervêm com o intuito de atemorizar um movimento grevista. Foi o que ocorreu em Santos, com a ocupação do porto por 500 fuzileiros navais assim que foi deflagrada a greve dos trabalhadores avulsos. O pretexto, como sempre, é manter a ordem, mas com a mesma finalidade estão lá também os destacamentos da PM.

A história de nosso país é marcada pela intromissão militar tanto em questões reivindicatórias como em conflitos políticos. Sempre para violar os direitos dos

trabalhadores e as liberdades democráticas.

Com base nesta experiência de longa data é que hoje importantes correntes democráticas defendem que a Constituinte reformule o papel das Forças Armadas. A nova Carta Magna deve retirar das Forças Armadas o papel de "defender a lei e a ordem" e dedicar-se exclusivamente a defender as fronteiras da pátria contra agressões externas. Em outras palavras, retirar das Forças Armadas o poder de intervir na vida política e de reprimir o movimento popular.

Antônio Paulo, Carlos Henrique e Roque Fernandes, do comando de greve.

No julgamento do dissídio coletivo, na quarta-feira à tarde, o TRT determinou o pagamento do repouso remunerado a partir de 1º de janeiro próximo, apesar de considerar

a greve ilegal. À noite uma assembléia da categoria foi realizada em clima de euforia. Os trabalhadores se consideraram vitoriosos e resolveram por unanimidade voltar ao trabalho. Mais de 2 mil trabalhadores avulsos compareceram à reunião. (da sucursal)

**Policiais atacam colonos no Rio Grande do Sul**

Os colonos sem terra, acampados na Fazenda Annoni, foram duramente reprimidos no último dia 29 de setembro, quando realizavam uma caminhada para ocupação de áreas já desapropriadas para fins de reforma agrária. Aproximada-

mente 600 soldados da brigada militar mantiveram cercadas 1.500 famílias, impedindo a entrada ou saída de qualquer pessoa.

Na repressão aos sem terra foi usada a maior truculência,

resultando em 50 feridos, entre homens, mulheres e crianças. A ação, ordenada pelo governador Jair Soares, contou com o apoio do ministro Paulo Brossard, que se prontificou a enviar tropas federais ao Estado.



Repressão foi a resposta de Jair Soares aos sem terra

**Milícias intocadas**

Os fazendeiros já contam com empresas especializadas em venda de armas e treinamento de milícias privadas para se contraporem ao Plano Nacional de Reforma Agrária.

A empresa gaúcha L'Arsenal, com sede na rua Carlos Gomes, 249, no bairro de Higienópolis, em Porto Alegre, está inclusive distribuindo propaganda em todo o país anunciando que "a integridade de seu patrimônio não é garantida apenas com seguros". A firma oferece armas e munições e um curso de tiro e, numa segunda etapa, treinamento em qualquer parte do país, mediante de comum acordo.

A denúncia do financiamento desta empresa foi feita pelo Movimento dos

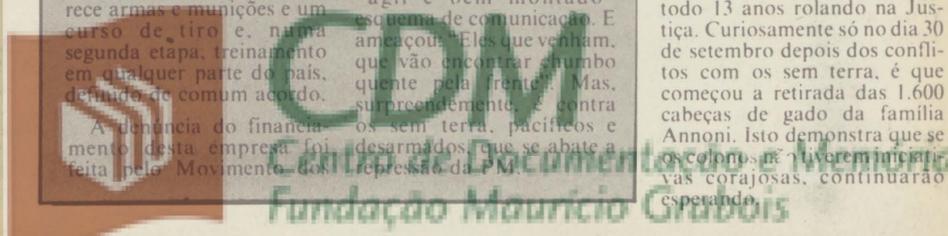
Trabalhadores Rurais Sem Terra do Rio Grande do Sul e pela CPT. Ao mesmo tempo estas entidades pedem providências ao ministro da Justiça, Paulo Brossard, uma vez que "é um fato de extrema gravidade" este tipo de atividade.

Além disto, o fazendeiro Valim Albrecht, presidente do PUR (Pacto de União Ruralista) entidade que atua em conjunto com a UDR contra a reforma agrária, afirmou que existe entre os fazendeiros gaúchos um "ágil e bem montado" esquema de comunicação. E ameaçou: "Eles que venham, que vão encontrar chumbo quente pela frente". Mas, surpreendentemente, é contra os sem terra, pacíficos e desarmados, que se abate a repressão da PM.

A caminhada dos colonos tinha como objetivo ocupar propriedades nos municípios de Cruz Alta e Júlio de Castilhos, já desapropriados pelo governo federal. Após meses acampados em frente ao Incra, em Porto Alegre, os sem terra resolveram agir, cansados da vacilação e morosidade do governo em levar adiante os assentamentos. No Estado já foram desapropriados 20 mil hectares de terra mas nenhuma família foi assentada.

A postura do governador Jair Soares, bem como do ministro Brossard, foi a de somar-se aos interesses do latifúndio. Reprimiram os colonos mas não tomam nenhuma medida contra as milícias particulares e o treinamento de homens armados que os fazendeiros estão fazendo. Não empregam também nenhuma medida enérgica contra a sonegação da carne, que continua a ser feita da forma mais acintosa, desmoralizando o governo e boicotando o Plano Cruzado.

Os colonos estiveram acampados em Ronda Alta durante 11 meses - quando faleceram 15 pessoas. Depois estiveram quatro meses em Porto Alegre. Em nenhum momento empregaram a violência, dando mostras de uma paciência e tolerância a toda prova. A questão da fazenda Annoni já dura ao todo 13 anos rolando na Justiça. Curiosamente só no dia 30 de setembro depois dos conflitos com os sem terra, é que começou a retirada das 1.600 cabeças de gado da família Annoni. Isto demonstra que se os colonos não tiveram iniciativas corajosas, continuarão esperando.



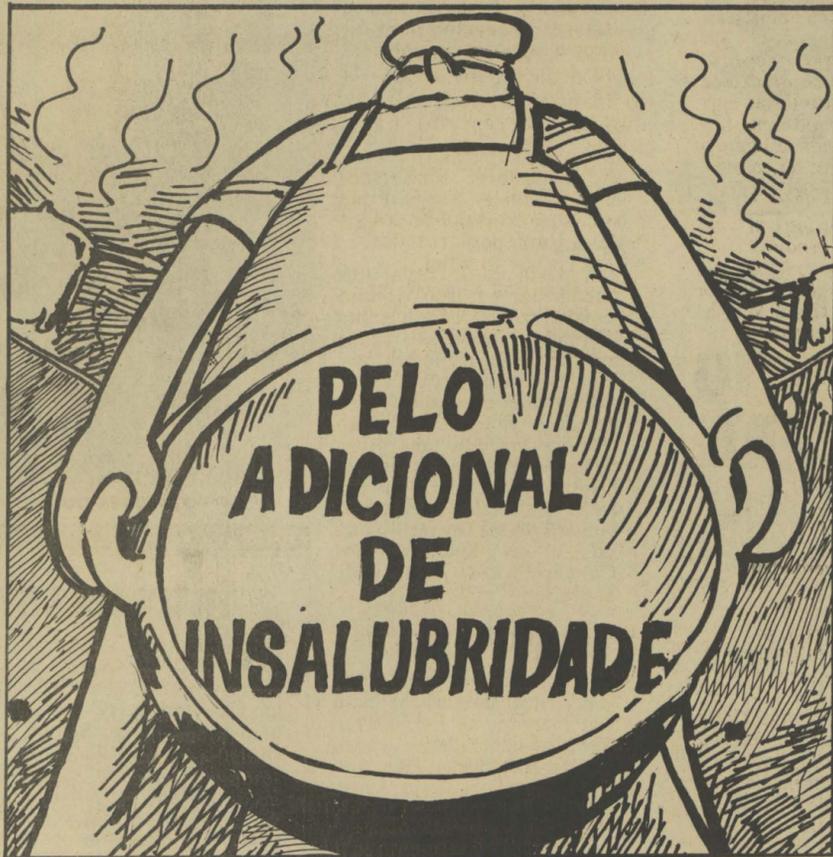
# Recrusul põe em risco a vida dos operários

A Recrusul, metalúrgica de Sapucaia do Sul, Rio Grande do Sul, explora a saúde de seus operários, obrigando-os a trabalhar com produtos altamente tóxicos, tais como peróxido orgânico, Butano, M-50, Lucidol BW-50, entre outros.

A empresa, fabricante de câmaras para caminhões frigoríficos, não fornece os equipamentos de proteção adequados. Não há exaustores, as máscaras não são próprias para gases, os riscos de incêndio e explosão são grandes. Os trabalhadores não recebem o adicional de periculosidade a que têm direito e sequer um litro de leite é distribuído.

Resta lembrar ainda que o uso e manuseio prolongado de tais produtos acarreta sequelas irreparáveis ao organismo humano. O risco de morte por leucemia e câncer da bexiga e esôfago é muito grande. Haja visto que vários trabalhadores já foram afastados do serviço por intoxicação grave. E alguns vieram a morrer posteriormente.

O trabalho, todo realizado em ambiente confinado, tem um ritmo alucina-



nante, pois os patrões da Recrusul almejam o lucro máximo, mesmo que este custe a vida de seus operários. (Amigo da TO - Rio Grande do Sul)

## Metalúrgicos de Osasco patronato

Aconteceu no último dia 2 a primeira audiência com as empresas Mercúrio e Itel, contra quem o Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco

entrou com processo para que pagassem os adicionais de insalubridade.

Para tentar torpedear o processo, as empresas resol-

veram fazer pressão em cima dos companheiros. Por ordem do sr. Adelino (Itel) e do sr. Brizot (Mercúrio) os companheiros foram cha-

mados um por um. Receberam ameaças e depois foram "convidados" a assinar uma procuração para a empresa, dizendo que desistiam do processo.

Primeiro porque isso é capitulado em lei e se constitui em ato ilegal, portanto sem validade.

Segundo porque o sindicato é o autor do processo e somente se o sindicato decidir é que o processo pode ser sustentado. Só que tem uma coisa: o sindicato não vai fazer isso. Tem mais: tratem de resolver os problemas de insalubridade. A menos que queiram novos processo nas costas.

(Visão Trabalhista - órgão oficial do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco - São Paulo)



## Grêmios ressurgem em Teresina, Piauí

No dia 9 de setembro foi lançada na Câmara Municipal de Teresina, Piauí, a campanha de reconstrução de grêmios estudantis. Estavam presentes na ocasião o secretário municipal de Educação, professor Eurivam Sales Ribeiro, o presidente da UMES, Jorge Almeida, representantes de escolas, como Edmundo Ribeiro e José Pereira, da Etepi, Claudionor Silva, Derlópidas Filho, Isaurina Araujo e Marilda Paeta, Maurílio

Amorim e outras lideranças.

Foi discutido o processo de fundação dos grêmios estudantis nas escolas e nos suas participação na elaboração da nova Carta Magna do Brasil. Também foi aprovado total apoio à UBES bem como às diretivas aprovadas no 25º Congresso da entidade realizado em Juiz de Fora, Minas Gerais. (José Messias Júnior - Diretor de imprensa da UMES - Teresina, Piauí)

## Nicarágua conquista amigos em Camaçari

Gostaria de transmitir através deste combativo jornal a minha satisfação em ver criado no município de Camaçari, na Bahia, o Comitê de Solidariedade à Nicarágua, bem como a assinatura da Carta de Intenções prevendo o intercâmbio técnico-cultural entre as prefeituras de Camaçari e Manágua.

Esta atitude destes dois prefeitos progressistas, Luiz Caetano e o comandante Moisés Hassan, contribui para fortalecer a luta de nossos povos contra nosso

grande inimigo, o imperialismo norte-americano, chefiado pelo belicista e tresloucado ator de quinta categoria Ronald Reagan.

Este presidente ianque ameaça intervir naquele país soberano da América Central, utilizando para isto inclusive paus-mandados contra-revolucionários financiados pela Casa Branca. Viva a luta de todos os povos contra o imperialismo!

(Antônio da Silva Ortega, diretor do Sindicato dos Metroviários de São Paulo)

## PC do B cria em menos de 1 hora 25 comitês

Em visita no final de semana ao bairro do Bixiga, em São Paulo, fomos fazer a campanha eleitoral dos nossos candidatos. Ficamos impressionados com a receptividade que tivemos por parte dos moradores.

Em menos de uma hora formamos 15 comitês domiciliares, e o povo mostrou-se interessado em discutir e ouvir as propostas do PC do B para a Assembléia Nacional Constituinte.

Os conservadores, as forças de direita mobilizam tudo que podem para conquistar o eleitorado. Gastam imensos recursos financeiros na propaganda maciça, na caça do voto, na corrupção de consciências. Fazem campanhas milionárias. Enquanto que o nosso partido, de trabalhadores, dispõe de minguados recursos e de alguns minutos na TV para realizar a divulgação de nossos candidatos e de nossas

teses à Constituinte. Somente poderá contrabalancear, em certa medida, o peso do poder econômico, multiplicando o número de ativistas, somando o máximo de energias disponíveis, desenvolvendo a criatividade popular.

Acho que é hora de arregaçarmos as mangas e partir para a luta formando comitês de campanha rua por rua, bairro por bairro. Cada escola deve ter também o seu comitê eleitoral. Só assim chegaremos à vitória neste 15 de novembro.

Tenho certeza de que onde o PC do B entra com suas propostas limpas, claras, sem demagogia, o povo acredita, pois somos um partido de propostas e não de promessas como a maioria dos que aí estão.

(Vilma Tillmann, do diretório distrital do PC do B da Bela Vista, São Paulo, SP)

Contribua com nosso jornal!

faça uma assinatura  
cupom na página ao lado

A sede de lucros dos grandes empresários põe em risco a vida dos operários. Esta denúncia, numa carta de Sapucaia do Sul, retrata uma realidade que já ocorreu em Cubatão, na Cosipa, e em centenas de outras empresas e Estados. A cada vez a revolta do povo é maior.

Por isso mesmo vale a pena escrever para nossa seção. Juntos, os operários seguramente encontrarão formas de defender suas vidas e garantir seus empregos.

Não deixe de escrever.

Ocupar aqui seu espaço. E neste momento político, conte também como participa da campanha para a Constituinte e para o governo de seu Estado. (Olívica Rangeli)



## Postal do Brasil

Desespero e choro a estampa de um rosto aflito Moleque de rua vestido de trapos a seu lado a força dos braços de um guarda

Os surdos soluços do moleque de rua tinham um som: o som do desamparo o som do medo, o som da completa solidão

E o moleque seguia e seguia chorando seguia seu destino seguia um caminho que seguiria por muitos e muitos anos seguia acompanhado companhia que seria sua por toda sua vida seguia guiado por dois guardas fardados

O que pensam as fardas? O que pensam naquele momento?

Afinal é o momento da força, do poder o poder que machuca o pequeno moleque E ele, roubou? Pode ser E por fome, miséria, por desespero

Levanto os olhos e penso: Você é a nossa criança E me entristece saber que significa tanto. Pois você, criança que chora, é o postal do nosso país.

Zoia de Lima (São Paulo, SP)



## Última homenagem a nossa amiga Doralice

Comunicamos com grande pesar o falecimento de nossa companheira Doralice Guerreiro. Filiada no PC do B no dia 3 de setembro ela foi vítima de um atropelamento na manhã do dia 26 na Via Anchieta, depois de ter participado de uma reunião no diretório do partido em Belém.

Doralice era secretária. Era filha de dona Ida e do operário metalúrgico Décio Guerreiro. Sua breve passagem pelo partido teve um fator histórico. Seu avô, Romão Guerreiro, chegou a ser responsável pela gráfica do partido, onde rodava "A Classe Operária". Sua avó, dona Carmem Guerreiro, viveu boa parte da história

do partido na clandestinidade. Muitas vezes foi obrigada a fugir com o marido, ajudando a levar todo o material, inclusive as máquinas da gráfica.

Dona Carmem sentiu muito a perda da neta, "que tinha os mesmos pensamentos do avô".

Todos nós, seus camaradas, sentimos também essa perda. Estivemos todos juntos com ela durante o velório, inclusive Elgito Boaventura, candidato a deputado estadual pelo partido. Doralice foi enterrada no mesmo túmulo de seu avô, no Cemitério do Morumbi. (Djalma e Luís Alves - diretório do PC do B em Belém-São Paulo)

## Adhemar não provou que a terra pertence a ele

Somos 23 famílias migrantes de Minas Gerais, de onde fomos expulsas de nossas terras. Viemos para Caraguatuba à procura de nossa sobrevivência. Precisamos de terra para plantar porque lutamos contra a fome. Descobrimos uma área sem cerca e sem dono. Unidos começamos a plantar milho e feijão, banana e mandioca.

Na esperança de boa colheita surge um "fantasma" que se diz dono da terra. Você sabe quem é? Pois é o Dr. Adhemar de Barros Filho, que se diz dono de muitas áreas aqui em Caraguatuba. Procuramos saber se a terra era realmente dele, mas não consta em nenhuma documentação.

Apesar disso, no último dia 22 mais de 30 homens da PM com três

oficiais de justiça fizeram cumprir a ordem do sr. juiz de direito de Caraguatuba, que permitiu aos funcionários da Fazenda Rio Claro derrubarem barracos, destruir plantações e cercar a área que o Dr. Adhemar de Barros Filho diz ser sua.

Não somos grileiros. Se o Dr. Adhemar de Barros provar que é dono da terra pedimos desculpas e nos retiramos. Vamos procurar outros meios para sobreviver.

A terra para nós é fonte de vida, pois dela tiramos a comida para nossos filhos. Somos sem-terra pois mesmo tendo um barraco para morar precisamos de terra para plantar! (Associação dos Sem-Terra do bairro do Travessão, Caraguatuba, S. Paulo)

Fundação de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

# Ressurge o festival dos universitários cearenses

Num clima de muita festa e descontração, Augusto Madeira, diretor da União Nacional dos Estudantes, abriu dia 19 o 1º Festival Universitário da Canção Cearense, encerrado no dia 28. Um marco na vida universitária do Estado - o primeiro festival, em 18 anos!

Mais do que um simples festival, uma verdadeira festa, pela alegria geral e o alto nível dos artistas que concorriam. Foi difícil prever quais os trabalhos que seriam os vencedores, devido a batalha ser palmo-a-palmo. Muitas pessoas jamais imaginaram que iria sobrar talento entre os universitários cearenses.

De repente, os artistas que ainda vivem restritos aos bares, sobrevivendo de cantorias de músicos já consagrados, saboreando a amarga orfanidade que o Estado oferece, puderam ter a oportunidade de interpretar seus próprios trabalhos através do canal que o movimento estudantil, moderno e coerente, proporcionou.

O objetivo dos organizadores do Festival foi exatamente abrir espaço para a valorização da cultura cearense, bem como garantir condições para sua divulgação, até porque na universidade surgem novos valores, apesar de não serem absorvidos pela comunidade. As barreiras impostas pelos grandes meios de comunicação - comprometidos com uma cultura atrasada e nem um pouco voltados para com aquilo que é nosso - são muitas.

Para o presidente do Diretório Central dos Estudantes da

Universidade Federal do Ceará, Ricardo Chaves, este festival foi só o começo, "pois queremos continuar a divulgar os nossos talentos, e para isto inauguramos no dia 3 de outubro o Espaço Cultural do DCE, dando aos nossos artistas aquilo que já há muito tempo deveria ser deles". Também os presidentes dos DCEs da Universidade de Fortaleza, Kennedy Araújo, e da Universidade Estadual do Ceará, Homero Arruda, vêm a necessidade de se garantir a valorização da nossa arte, e destacam que "esta questão deve ser debatida na Assembléia Constituinte".

### AS FINALISTAS

Mais de 100 músicas foram inscritas para o festival. Dessas, dez foram selecionadas para a festa de encerramento. O júri, composto por artistas cearenses como Oswald Barroso (poeta, jornalista e teatrólogo), Teti (cantora e produtora de rádio), Diogo Fontenele (poeta e escritor), Izaira Silvino (regente do Coral da UFC) e Nara Vasconcelos (pianista), escolheu os vencedores: 1º lugar, "O cavaleiro dos espelhos", de Fernando Neri e Eurico Bivar; 2º "Jobiniana", de Fernando Neri e Mário Tadeu; 3º, "Chame-se", de

Valdo Aderaldo. Rossé Sabadia foi a melhor intérprete, e o melhor arranjo foi de "Sete versos entre rimas", na opinião do júri.

Além dos concorrentes, Xangai foi a grande atração da noite, com suas cantorias nordestinas, mostrando para o meio urbano a vida, a luta e o desafio do homem do campo.

### VITÓRIA ESTUDANTIL

A realização do festival ficou por conta da Produções de Arte Desafio, tendo à frente as estudantes de música Tereza Tavares e Fátima Viana, ambas representantes do núcleo de cultura da UNE no Ceará. Para elas, o festival é um dos meios de fortalecer as entidades estudantis no Estado, no que diz respeito a seus compromissos com a cultura de nossa gente. "Vimos neste festival uma perfeita harmonia entre o comprometimento político de nossas entidades e a verdadeira cultura popular brasileira", afirmou Tereza Tavares.

Augusto Madeira, da UNE, destacou que a realização deste festival veio resgatar o movimento artístico das nossas universidades, duramente atingido pelos 21 anos de autoritarismo e de censura. Para ele "o festival universitário cearense foi uma ponta de lança para a retomada da trajetória dos antigos Centros Populares de Cultura (CPCs), que fizeram história no nosso país através da UNE". (da sucursal)

# Vôlei, a esperança de um surto de vitórias

Mais uma vez o vôlei brasileiro volta de uma campanha internacional com bons resultados. A seleção masculina colocou-se entre os quatro finalistas do campeonato mundial, encerrado na semana passada em Paris, na França. Um mês antes, a seleção feminina trouxe o quinto lugar no mundial de Praga. Uma performance inédita em nosso vôlei.

No início dos anos 60 fez muito sucesso uma marchinha de carnaval, cujo refrão principal martelava: "que com o pé e com a mão, o Brasil é campeão". Naquela altura o Brasil detinha o bicampeonato mundial de futebol e basquete masculino. Maria Ester Bueno ganhara o torneio de tênis de Wimbledon por três vezes e Eder Jofre ostentava o cinturão de ouro de campeão mundial de box no peso galo.

A maré montante baixou rápido. Nas duas décadas seguintes, só ganhamos a Copa de 70, quatro títulos de Fórmula E e mais um título de Eder Jofre, agora na categoria pena. Passamos a ser rabeira "com o pé e com a mão".

### ÁGUAS PASSADAS

Neste ano a história se repetiu. O futebol ficou em quinto lugar na Copa do México, um resultado insatisfatório para quem já ganhou três títulos mundiais de seleções e quatro interclubes. O basquete feminino não passou da nona colocação no mundial de Moscou, e o masculino conseguiu, com muito suor, a quarta posição em Madrid.

Dentro deste quadro as colocações obtidas pelo vôlei são festejadas como ótimos resultados, por tratar-se de um esporte com projeção muito recente. O quinto lugar que as meninas brasileiras trouxeram da Tchecoslováquia é inédito e indica o amadurecimento promissor desse esporte no país. Os rapazes, por sua vez, mantiveram a posição conquistada nos últimos cinco anos, entre os quatro melhores do mundo. Insuficiente ainda para sobrepujar as equipes poderosas como da União Soviética, praticamente invencível em toda a história do vôlei mundial, mas ainda assim muito importante para consolidar o Brasil como uma das principais "escolas da modalidade".

A equipe brasileira, dirigida por José Carlos Brunoro, surpreendeu no aprimoramento dos fundamentos de ataque e defesa. A ponto de os especialistas em medicina esportiva presentes no mundial considerarem os movimentos de Renan anormais, dada a rapidez e violência de seus cortes. A nossa defesa, no jogo contra a Tchecoslováquia, que até ali nunca havia perdido para o Brasil, defendeu quatro ataques seguidos com a rede totalmente livre, sem bloqueio enriquecendo o folclore desse esporte.

### TREINO, TREINO, TREINO

A explicação dos técnicos e jogadores para a evolução do



Equipe de Brunoro surpreendeu no Mundial. Renan foi destaque

vôlei brasileiro, em contraste com a decadência do futebol, está na dedicação e pertinácia dos voleibolistas nos treinos e no aperfeiçoamento técnico. As partidas de vôlei são muito mais desgastantes que as do futebol, muitas delas chegam a durar mais de duas horas. E nos torneios internacionais joga-se quase que diariamente. Não existe, na opinião deles, "vôlei arte" e nem "cortada de placa". Existe treino de con-

junto, muito treino individual e muita vontade de treinar. O oposto do futebol, onde todo jogador pensa que "recebeu" Maradona e é capaz de bater escanteio e cabecear em gol.

O próximo mundial de vôlei será no Brasil, em 1990. São quatro anos pela frente para nos prepararmos nas quadras, nos estádios e nas rodas de samba para cantar a marchinha famosa, hoje esquecida.

(Jessé Madureira)

## Estude o marxismo-leninismo

### MARX

- O 18 Brumário de Louis Bonaparte ..... 54,00
- Origem do Capital ..... 35,00
- Salário, preço e lucro ..... 15,00
- Trabalho assalariado e capital ..... 12,00

### MARX/ENGELS

- Manifesto do Partido Comunista ..... 12,00
- A Comuna de Paris ..... 16,00

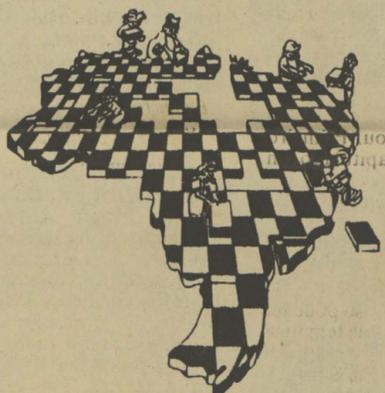
### ENGELS

- A questão da habitação ... 20,00
- Do socialismo utópico ao socialismo científico ..... 19,00
- A situação da classe trabalhadora na Inglaterra 130,00

### LÊNIN

- Sobre os sindicatos ..... 35,00
- O trabalho do partido entre as massas ..... 35,00
- O Estado e a revolução ... 38,00
- 1905 - Jornadas revolucionárias ..... 20,00
- A revolução proletária e o renegado Kaustky ..... 35,00
- As 3 fontes e as 3 partes constitutivas do marxismo 20,00

## CONSTITUINTE: PROPOSTAS DO PCdoB



Editora Anita Garibaldi

APENAS Cz\$ 20,00

### STÁLIN

- Problemas econômicos do socialismo na URSS ..... 20,00
- O marxismo e o problema nacional e colonial ..... 35,00
- Materialismo histórico e dialético ..... 16,00
- Fundamentos do leninismo 31,00

Pedidos com o envio de cheque nominal no valor da compra para a Editora Anita Garibaldi, Av. Brig. Luís Antônio, 1.511, CEP 01317, São Paulo, fone 251-2729.

## Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318. Telefone: 36-7531 (DDD 011). Telex: 01132133 TLOBR. Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira. Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.

ESPÍRITO SANTO - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300. Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000. GOIÁS - Goiânia: Rua 3, N.º 380, casa 6 - Centro - CEP 74000. Anápolis: Rua 14 de Julho, 821 - Centro - CEP 71100. MARANHÃO - São Luís: Rua do Egito, 76 - Centro - CEP 65000. MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone: 321-5095 - CEP 78000. MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: Rua Antônio Maria Coelho, 1152, 1.º andar, sala 15 - CEP 79100. MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000. PARÁ - Belém: Rua Manoel Barata, 993 - CEP 66000. PARÁIBA - João Pessoa: Praça 1817, n.º 116, 2.º andar - Centro - CEP 58000. CAMPINA GRANDE: Praça da Bandeira, 117, 1.º andar - Centro - CEP 58100. PERNAMBUCO - Recife: Rua do Sossago, 221, Boa Vista - CEP 50000. RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Deodoro, 776 - Cidade Alta - R.N. CEP 59000. RIO GRANDE DO SUL - Bento Gonçalves: Rua Dr. Casagrande, 58 - CEP 95700. Canoas: Rua Tiradentes, 130 - sala 405 - CEP 92010. Caxias do Sul: Rua Bento Gonçalves, 2048 - CEP 95100. Pelotas: Rua Andrade

Neves 1589, sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1235, sala 20 aberto depois das 18 horas e aos sábados das 9 às 12 horas. Santa Maria: Rua Dr. Bozano, 1147, sala 410 - Centro - CEP 97100. Rio Grande: Rua Gen. Vitorino, 746-A - CEP 96200. Ijuí: Rua 15 de Novembro, Edifício Nelson Luchese, s. 23, 2.º andar. RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua 1.º de Março, 8 - 2.º andar - Fone: 252-9935 - CEP 20000. Niterói: Av. Amarel Peixoto, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Travessa Renato Pedrosa, 33, sala 319 - CEP 26000. SANTA CATARINA - Florianópolis: Praça XV de Novembro, 21, sala 705 - CEP 88000. SÃO PAULO - Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Senador Saravia, 448, fone: 2-6345 - CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180 - CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Avellar Pires de Azevedo, 26, 2.º andar, sala 12 - CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119, Caixa Postal 533 - CEP 13560. Taubaté: Rua Antnio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100. São José dos Campos: Rua Vilça, 195, 1.º andar, sala 19 - CEP 12200. Guarulhos: Rua Padre Celestino, 42, sala 8, 2.º andar - CEP 12200. SERGIPE - Aracaju: Av. Rio Branco, Edifício Ovidio Teixeira, sala 1220 - CEP 49000.



Faça cinco assinaturas da Tribuna Operária e ganhe uma de brinde! Colabore para o fortalecimento da imprensa operária.



Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

- Anual (52 edições)  Cz\$ 260,00
- Anual popular (52 edições)  Cz\$ 130,00
- Semestral (26 edições)  Cz\$ 130,00
- Semestral popular (26 edições)  Cz\$ 65,00
- Trimestral (13 edições)  Cz\$ 33,00
- Anual para o exterior (dólares)  US\$ 70

Nome: .....

Endereço: .....

Bairro: .....

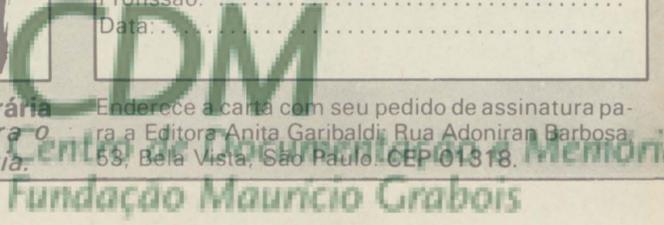
Cidade: ..... CEP: .....

Estado: .....

Profissão: .....

Data: .....

Enderece a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi, Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo - CEP 01318.



Crianças de quatro e cinco anos estão trabalhando em serviços insalubres no campo, muitas vezes com pés e mãos feridos, parecendo farrapos humanos. As mais velhas, com cerca de 12 anos, comprometem a saúde para o resto de suas vidas nas fábricas, tendo dedos decepados ou adquirindo doenças incuráveis por respirarem ar contaminado. Estas cenas foram presenciadas pela secretária do Trabalho de São Paulo, Alda Marco Antônio, em uma das inúmeras blitz feitas no Estado. Segundo ela, "estão cometendo um massacre contra a nossa infância".

As vésperas do Dia da Criança - 12 de outubro - elas não têm muito que comemorar. Milhares delas deixam de ir à escola para trabalhar - quando recebem, é um mísero salário - para ajudar no orçamento doméstico. As estatísticas não são confiáveis quanto ao seu número, pois uma parcela elevada - principalmente no campo - trabalha sem estar registrada. Segundo um levantamento feito pelo Instituto de Economia Agrícola de São Paulo, durante a safra de 1974-75, o trabalhador infantil (menor de 15 anos) representava 17% da força de trabalho nas propriedades rurais. Pelo que viu em suas visitas às fazendas, Alda Marco Antônio acha que o número real é bem maior.

Nas indústrias os dados oficiais mostram que quase 9% da mão-de-obra é constituída por menores. No entanto ela se concentra em determinados setores como a do vestuário, calçados, artefatos de tecidos, têxteis, madeira e de couros e peles.

A legislação do trabalho do menor não permite que eles trabalhem em locais considerados insalubres e perigosos. Mas os patrões comumente não respeitam a lei e muitas vezes preferem pagar uma multa a adotar as medidas necessárias de segurança no trabalho.

#### CONDENADOS À MORTE

Assim, durante as blitz realizadas pela Secretaria do Trabalho se encontram casos escabrosos, como o das indústrias de vidro, que empregam 9 mil adolescentes na capital paulista. Trabalham em temperaturas ambientes altíssimas, respirando sílica, arsênico e óxido de ferro, porque não há máscaras adequadas ao trabalho. Nestas condições - além dos constantes riscos de acidentes - a perspectiva destes jovens é de chegarem aos 30 anos com silicose, doença que endurece os pulmões, tendo poucos anos à mais de vida.

No campo a situação ainda é pior. Em fazendas de propriedades de Paulo Maluf e Antônio Ermírio - candidatos a governador de São Paulo - se descobriu trabalho escravo e crianças de quatro anos trabalhando nas carvoarias. No Vale do Ribeira, crianças de 11 anos são estropiadas por carregarem sacos excessivamente pesados nas plantações de chá. Isto ocorre no Estado mais desenvolvido do país, em outras regiões o quadro é ainda mais dantesco.



Foto: Carlo Iadelluca

## "O menor está sendo massacrado"



Alda durante a blitz numa indústria de vidro em Ferraz de Vasconcelos

Foto: Carlo Iadelluca

### "Cena horripilante de se contemplar"

A revolução industrial, iniciada no final do século XVIII, teve como um de seus frutos a utilização, em grande escala, do trabalho de crianças. As maquinarias colocadas em uso a partir daquela data tornaram possível o emprego de trabalhadores sem força muscular mas com grande agilidade nos membros. Mulheres e crianças faziam praticamente o mesmo trabalho de um adulto, recebendo um salário bem inferior. O capitalismo nascente não teve escrúpulos de encher as fábricas com operários de até sete anos de idade, trabalhando de 14 a 18 horas por dia.

Na Inglaterra do século XIX, maior centro industrial do planeta, este tipo de exploração adquiriu um caráter dramático. Karl Marx, em sua famosa obra "O Capital" abordou exaustivamente a questão do trabalho infantil nas fábricas. Ele cita trecho de uma declaração do juiz do condado de Brington, publicada no jornal "Daily Telegraph", de Londres, de janeiro de 1860, para exemplificar o inferno vivido pelos menores. "As 2, 3 e 4 horas da manhã, as crianças de 9 e 10 anos são arrancadas de camas imundas e obrigadas a trabalhar até às 10, 11 ou 12

horas da noite para ganhar o indispensável à mera subsistência. Com isso seus membros definham, sua estatura se atrofia, suas faces se tornam lívidas, seu ser mergulha num torpor pétreo, horripilante de se contemplar..."

#### "ACORDADAS A BOFETADAS"

No Brasil o uso da mão-de-obra infantil é praticada desde os primórdios de sua industrialização até os dias de hoje. Em um levantamento feito em quatro estabelecimentos industriais de São Paulo, em 1894, mostrou que cerca de 25% dos operários do setor têxtil eram menores de 18 anos. O número de crianças trabalhando nas fábricas cresceu nas primeiras décadas do século XX. Em 1919 elas representavam 40% da mão-de-obra fabril na capital paulista.

As crianças trabalhavam exaustivamente 10, 12 ou mais horas por dia, em "prédios acanhados, escuros, sem condições higiênicas", ganhando salários irrisórios, além de sofrerem maus-tratos de seus superiores. As famílias operárias recebiam salários miseráveis e assim per-

mitiam o trabalho de seus filhos para ajudar a complementar o orçamento doméstico.

A imprensa da época (particularmente a operária) fazia sérias denúncias dos abusos patronais ao trabalho infantil. O jornal "Terra Livre", de 1907, afirmava que na Fiação e Tecelagem Mariângela, do grupo Matarazzo, as crianças tecelãs trabalhavam "das 17 às 6 da manhã" e chegavam a adormecer junto aos teares, sendo "acordadas a bofetadas pelos contra-mestres". Um outro periódico, "O Combate", de 1917, recebia queixas de que no Cotonifício Crespi os menores eram espancados pelo mestre de fiação. Dizia em suas páginas: "Mostraram-nos equimoses nos braços e nas costas. Alguns apresentam mesmo ferimentos produzidos com uma manivela. Um há com as orelhas feridas por continuados e violentos puxões".

#### MORTES POR ACIDENTE

A escritora inglesa Edith Sitwel esteve em São Paulo em 1910 e descreveu, estupefata, o que viu no bairro proletário do Brás: "Essas infelizes crianças (algumas com apenas cinco anos de idade), condenadas à escravatura das fábricas de fiação e tecelagem... quando conseguem chegar em casa pelos seus próprios meios, com suas próprias pernas, atiram-se ao chão... e pegam no sono sem conseguir comer uma migalha sequer de alimento".

Muitas nem mesmo chegavam em casa, pois era comum a morte por acidentes no trabalho. Os próprios boletins oficiais reconheciam a falta de segurança nas fábricas. O Boletim do Departamento Estadual do Trabalho nº 6, de 1913, relatava: "A estatística do ano passado registra o caso de um operário que, passando com um saco às costas, ao pé de certa máquina, foi apanhado por uma peça da mesma, que lhe fraturou o crânio, determinando-lhe a morte. Esse operário tinha 13 anos". Vale a pena ressaltar que neste período não havia previdência ou seguro para o trabalhador. Em muitos casos o patrão não pagava "nem ao menos as despesas de médico e farmácia".

A Tribuna Operária entrevistou a secretária de Relações do Trabalho de São Paulo, Alda Marco Antônio, que falou a respeito das condições de trabalho dos menores na indústria e no campo, constatada durante suas blitz.

TO: Como está a situação do trabalho do menor em São Paulo?

Alda Marco Antônio: Desde o momento em que passamos a desenvolver uma ação ampla no Estado de São Paulo a respeito da saúde do trabalhador e das condições de trabalho, descobrimos que o número de menores no trabalho é muito maior do que se pode supor à primeira vista. E é uma questão muito trágica. O menor está trabalhando horário integral em locais insalubres e exercendo atividades perigosas. Por onde eu passei, posso afirmar com toda certeza que está havendo um verdadeiro massacre das crianças que trabalham no nosso Estado.

Na indústria de transformação por onde passei vi crianças de 12 anos em atividades onde não é exigida grande força física. Por exemplo, na indústria vidreira estas crianças têm de soprar vidro perto de um forno que chega a ter até 3 mil graus de calor; na boca do forno fica em torno de 1.300 graus. Um pouquinho afastado do forno tem uns potentes ventiladores para resfriar o ambiente. Então, a criança vai numa alta temperatura retirar uma massa de vidro fundente e vem debaixo do vento soprar esse vidro. E há outros tipos de perigo, como o de cair um pedaço de vidro fundente no corpo e mesmo cortes e queimaduras nos pés, pois às vezes elas trabalham descalças ou com sandálias havaianas.

#### "Vi crianças de 12 anos com os dedos decepados"

TO: Qual a percentagem de crianças que trabalham nesta indústria?

Alda: Nós estivemos na região de Ferraz de Vasconcelos e a quantidade de adultos e crianças é mais ou menos equivalente, deve ser em torno de 50%. Não tenho esse dado exato, mas pelo que vi é meio a meio.

TO: A lei trabalhista não proíbe esse tipo de trabalho?

Alda: Proíbe crianças em locais insalubres e atividades perigosas à saúde. Só que a fiscalização realmente é muito deficiente. No Estado de São Paulo existem 89 mil empresas e a fiscalização da saúde do trabalhador conta com apenas 395 fiscais. Por isto não pode ser ter uma fiscalização eficiente.

TO: O que você viu na sua recente viagem à Iguape, no Vale do Ribeira?

Alda: Na blitz que fizemos no bairro do Rocio daquela cidade, fomos em 10 serrarias. Numa delas que beneficiava um tipo de madeira que serve para fazer lápis, se utilizava muita mão-de-obra feminina e de menores. Sintomaticamente os donos não os contratam, só quando um é acidentado na serra, para que depois o INPS pague o auxílio.

Eu vi lá coisas terríveis. Crianças de 12, 13 anos já com os dedos decepados, com o braço massacrado porque a torca caiu em cima do braço. É uma situação de exploração absurda do trabalho do menor. É um bairro que deve contar com mais de 100 pessoas mutiladas. Só num mês a médica que nos forneceu a denúncia recebeu 30 acidentados no trabalho, sendo 15 menores. Então é um massacre, é um crime que estão cometendo contra a infância.

#### Trabalha-se descalço sobre carvão quente

TO: No campo a situação também é grave?

Alda: No campo é outra coisa dolorosa. Em Angatuba vi crianças de quatro anos trabalhando nos fornos de carvão. Os fornos são de tijolos e eles colocam toras de madeira lá dentro, fecham e põem fogo, deixam queimar durante quatro dias. Eles deveriam esperar de quatro a seis dias para esfriar para tirar o carvão com segurança. Como a produção exigida dos trabalhadores é muito alta, eles levam mulheres e crianças para ajudar e não esperam o carvão esfriar para retirá-lo. Quem faz este tipo de trabalho são as mulheres e crianças; é considerado serviço leve. O forno fica muito quente e sem condições de respirar. Eles respiram fora, entram no forno, jogam todo o carvão que conseguem para fora e saem para respirar, novamente fazem isto, com qualquer tempo, pode estar chovendo ou fazendo frio. Eles trabalham descalços e os pés vão se queimando. Vi crianças de quatro anos neste trabalho. O pó do carvão impregna e gruda na pele, formando feridas onde tem umidade, como em volta da boca e em volta dos olhos.

#### Meninas fracas carregam sacos de chá de 27 kilos

TO: Como é a condição das crianças que trabalham na colheita do chá?

Alda: Ai é outro disparate. Encontrei crianças de cinco anos trabalhando, colhendo chá o dia todo e comendo folhas de chá e com as mãos feridas. Elas têm ferimentos profundos nas mãos e como trabalham na umidade vão apresentando inclusive problemas de articulação. A presença de crianças é muito maior do que a de adultos neste trabalho e todas elas estão fora da escola. Constatamos uma criança de 11 anos carregando sacos de chá de 27 quilos nas costas. Isso é comum entre crianças e mulheres. Eu não consegui sequer levantar este saco do chão. Via de regra, ninguém ali registrado.



Crianças operárias de uma fábrica em São Paulo no início do século